

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE PARANAÍBA

VICTORIA NÉRIS RONDON

**ESTUDOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO
DESENVOLVENTE PARA A ESTRUTURAÇÃO DA ATIVIDADE DE ESTUDO**

Paranaíba/MS

2016

Victoria Nérís Rondon

**ESTUDOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO
DESENVOLVENTE PARA A ESTRUTURAÇÃO DA ATIVIDADE DE ESTUDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul-UEMS, Unidade Universitária de Paranaíba, como exigência parcial para licenciatura do curso de Pedagogia.

Orientadora: Prof.^a Dra. Maria Sílvia Rosa Santana

Paranaíba /MS

2016

Victoria Néris Rondon

**ESTUDOS INTRODUTÓRIOS SOBRE A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO
DESENVOLVENTE PARA A ESTRUTURAÇÃO DA ATIVIDADE DE ESTUDO**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado e aprovado para a obtenção do título de licenciatura em Pedagogia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Paranaíba.

Aprovado em:/...../.....

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dra. Maria Silvia Rosa Santana
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Me. Gabriela Massuia Motta
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof^ª. Me. Simone Silveira dos Santos
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Aos meus pais Rorisvaldo e Sandra, à minha irmã Viviane, ao meu esposo Josiel, às minhas avós Geni e Terezinha, às minhas amigas Diene e Samara e à minha orientadora Maria Silvia, que foi essencial na construção deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que, por sua infinita bondade me deu forças, saúde, e esperança para acreditar que mesmo com tantas dificuldades, a conclusão desse trabalho seria possível.

À Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, que com seu corpo docente e demais profissionais me proporcionou a oportunidade de fazer parte do curso de Pedagogia e poder assim adquirir uma nova forma de ver o mundo e agir sobre ele.

A todos os professores que fizeram parte da minha trajetória neste curso.

À minha querida orientadora Maria Silvia Rosa Santana, na qual me espelho e que é a responsável pela conclusão deste trabalho, pois sem ela nada disso seria possível.

Aos meus pais Rorisvaldo e Sandra, que sempre me incentivaram em minha caminhada escolar, apoiando minhas decisões e me ajudando no que era preciso.

À minha irmã Viviane que me incentivou a nunca desistir.

Ao meu esposo Josiel, que com paciência me aguentou nos dias de ansiedade e que me auxiliou muito em todos os sentidos, me amparando para que eu não desistisse de tentar.

Às minhas avós Geni e Terezinha, que em suas orações rogavam sempre pelo meu sucesso neste curso.

Às minhas amigas da faculdade, Diene e Samara, que desde o começo do curso estão ao meu lado e me mostraram o verdadeiro significado da palavra amizade.

Aos meus colegas de classe que, de uma forma ou de outra, me ajudaram durante este curso.

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a produzir seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material. (MARX E ENGELS, 1974, p.19)

RESUMO

Este trabalho de pesquisa traz estudos introdutórios com o objetivo de buscar a compreensão dos principais conceitos trazidos pelo enfoque histórico-cultural, com a finalidade de compreender o significado da atividade de estudo para o desenvolvimento integral da criança, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e compreender também como a organização pedagógica da educação desenvolvente pode propiciar condições para que a atividade de estudo se efetive visando o desenvolvimento da autonomia dos alunos. É de extrema importância para o profissional da educação entender esses conceitos, pois defendemos que, ao compreender que a atividade de estudo é a atividade principal nos anos iniciais da vida escolar, e perceber a importância de promover no aluno a necessidade da atividade de estudo, o professor tem melhores condições de desenvolver uma prática docente de qualidade. Desta forma, nota-se a importância deste estudo, pois o professor que compreende todos esses conceitos e adota uma prática educacional baseada nos princípios da educação desenvolvente evidentemente conduzirá seus alunos a um desenvolvimento integral e humanizador. Para a realização desta pesquisa optou-se pela abordagem qualitativa, por considerar que a mesma oportuniza aos pesquisadores uma interpretação mais ampla do tema, além de possibilitar a abordagem das questões de forma mais subjetiva, analisando as situações de modo complexo. O trabalho foi construído utilizando-se da pesquisa bibliográfica, assim foram feitas leituras, análises, interpretações e reflexões de obras de autores primários, livros e artigos já escritos por outros autores, secundários. Utilizamos como fonte teórica alguns autores como Beatón (2006), Clarindo (2015), Dusavitsky (2014), Engels (1999), Leontiev (2004), Repkin (2014), entre outros que discutem o processo de desenvolvimento humano, a atividade de estudo e os princípios da educação desenvolvente. Neste sentido, por meio da análise de uma experiência de estágio ficou ainda mais evidenciada a importância de uma capacitação teórica, com isso neste trabalho, defende-se e procura-se demonstrar que um ensino de qualidade deve estar sustentado por essa capacitação, sempre tendo como objetivo proporcionar ao aluno a forma mais elaborada da cultura humana, a fim de criar nele necessidades humanizadoras e desenvolver suas funções psíquicas superiores.

Palavras-chave: Enfoque Histórico-Cultural. Desenvolvimento humano. Atividade de estudo. Educação desenvolvente.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. TRANSFORMAÇÃO DO MACACO AO HOMEM E A INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE DO TRABALHO.....	13
2. O CONCEITO DE ATIVIDADE: atividade de estudo e os princípios da educação desenvolvente.....	21
2.1 Atividade humana: fator constituinte do ser humano.....	24
2.2 Atividade dominante: a relação do indivíduo com o mundo.....	28
2.3 Etapas do desenvolvimento humano em Leontiev.....	30
2.4 Estruturação da atividade de estudo pelos princípios da educação desenvolvente.....	34
3. ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: reflexões a partir dos pressupostos da teoria histórico-cultural.....	44
CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
REFERÊNCIAS	57
APÊNDICE.....	58

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é sobre a importância da atividade e, principalmente, da atividade de estudo para o desenvolvimento humano, na perspectiva histórico-cultural, e como a Educação Desenvolvente pode contribuir para esse desenvolvimento.

O desejo de estudar e pesquisar sobre a Educação Desenvolvente surgiu nas aulas de matemática do curso de Pedagogia, foi a primeira vez que tivemos contato com esse conceito e passamos a nos interessar pelos elementos e preceitos desse princípio educacional. Porém a delimitação específica do tema não ocorreu de forma rápida, essa escolha foi construída por meio de um processo. Depois de muitas leituras, conversas com a orientadora, e até mesmo depois de começar a escrever, o tema foi sendo construído.

Durante a construção do trabalho compreendemos como ocorreu a evolução do homem e como a atividade do trabalho foi fundamental para que ocorresse essa evolução, salientamos também a importância da atividade de estudo no desenvolvimento humano e as influências da educação desenvolvente para a qualidade da educação. Compreender esses aspectos é de extrema importância para a formação do professor, pois é a partir do entendimento de que a atividade de estudo deve ser a atividade principal para a criança que está em idade escolar que o professor vai propor e direcionar suas aulas para que atinjam esse objetivo. Assim, esse trabalho é de suma importância para a construção do profissional da educação, pois os elementos que ele aborda são fundamentais para a qualificação desses profissionais.

O desenvolvimento das crianças está cada vez mais debilitado por diversas razões, a escola não disponibiliza recursos suficientes para que seus alunos cresçam intelectualmente, a maioria das escolas não promove uma educação diferenciada para atrair os alunos e dissemina um ensino baseado no quantitativo e não objetivando um ensino qualitativo, essa prática precária de educação só pode ser cessada com uma mudança radical no modelo de educação. Dessa forma, propomos em nosso trabalho a adoção de uma educação desenvolvente, pois é a partir dela que os professores e alunos vão poder realmente participar de uma educação de qualidade, na qual os alunos sejam mais ativos, participativos no processo de aprendizagem. Assim, fica evidente a importância de estudar e compreender os princípios da educação desenvolvente, pois defendemos que ela é capaz de promover uma transformação na educação.

Com isso, o trabalho visa responder a seguinte pergunta: em que medida a atividade de estudo, respaldada por uma perspectiva da educação desenvolvente, pode contribuir para o

desenvolvimento dos alunos, principalmente dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental?

Assim, a principal finalidade desta pesquisa, ou seja, o seu objetivo geral é compreender os principais conceitos trazidos pelo enfoque histórico-cultural, a fim de compreender o significado da atividade de estudo para o desenvolvimento integral da criança, especialmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, e como a organização pedagógica da educação desenvolvente pode propiciar condições para que a atividade de estudo se efetive visando o desenvolvimento da autonomia dos alunos.

A partir desse objetivo principal surgiram os seguintes objetivos específicos: 1) compreender a concepção de homem e de desenvolvimento humano defendida pelo enfoque histórico-cultural; 2) compreender os conceitos de atividade, atividade de estudo e os princípios da educação desenvolvente; 3) analisar uma prática pedagógica desenvolvida no estágio, avaliando em que medida houve o desenvolvimento dos alunos a partir dos princípios da educação desenvolvente.

Para a realização desta pesquisa optamos pela abordagem qualitativa, por considerar que a mesma oportuniza aos pesquisadores uma interpretação mais ampla, além de proporcionar a captação de

[...] um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Esse conjunto de fenômenos humanos é entendido aqui como parte da realidade social, pois o ser humano se distingue não só por agir, mas por pensar sobre o que faz e por interpretar suas ações dentro e a partir da realidade vivida e partilhada com seus semelhantes. (MINAYO, 2010, p.21).

Desse modo, a pesquisa qualitativa possibilita abordar as questões de forma mais subjetiva, analisando as situações de modo complexo:

A abordagem qualitativa parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. O objeto não é um dado inerte e neutro; está possuído de significados e relações que sujeitos concretos criam em suas ações. (CHIZZOTTI, 2010, p.79)

Ou seja, será uma pesquisa de caráter subjetivo, que analisará os dados de forma a considerar os aspectos sociais que influenciam os processos e fenômenos, cuja interpretação está diretamente relacionada com o referencial teórico adotado, neste caso, o enfoque histórico-cultural.

O trabalho foi construído utilizando-se da pesquisa bibliográfica, definida por Severino (2007, p.122) como “[...] aquela que se realiza a partir do registro disponível, decorrentes de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses, etc”. Assim, a pesquisa foi realizada por meio de leituras, análises, interpretações e reflexões de obras de autores primários, livros e artigos já escritos por outros autores, secundários.

Estruturamos a presente pesquisa em três seções que visam responder a problemática levantada. A primeira seção, “Transformação do macaco ao homem e a influência da atividade do trabalho” é introdutório, pois inicia a discussão do trabalho a partir das contribuições de teóricos como Leontiev (2004) e Engels (1999), trazendo a nossa interpretação da teoria que será abordada em toda a pesquisa, ou seja, aborda os elementos principais da teoria Histórico-Cultural, e como essa teoria compreende a concepção de homem e de desenvolvimento humano. Para tal fim, consideramos essencial entender como ocorreu a evolução do homem, como que de acordo com a teoria histórico-cultural um simples animal se transformou em um ser que age, pensa e planeja suas ações, que elaborou uma cultura e se tornou capaz de transmiti-la às novas gerações. Assim, durante a seção descrevemos as etapas que o homem percorreu durante essa transformação, além de refletir sobre a influência que a atividade do trabalho exerceu no processo de evolução e constituição do homem.

Na segunda seção, “Os conceitos de atividade: atividade de estudo e os princípios da educação desenvolvente” retomamos a importância da atividade do trabalho para a formação do homem, explicitando que é por meio da atividade do trabalho que o homem se transformou, pois essa atividade possibilitou uma mudança radical no seu modo de vida, permitindo a ele a independência dos fatores biológicos e uma nova forma de se relacionar com a natureza. Seguindo essa ideia da importância da atividade do trabalho, compreendemos o quão importante era entender os elementos particulares da atividade e como a atividade está organizada dentro de nossa sociedade, por isso no segundo tópico desta seção, embasados pela teoria Histórico-Cultural, procuramos da forma mais pontual possível explicar os elementos que fazem parte da estrutura da atividade. Neste tópico ilustramos com vários exemplos concretos alguns conceitos tratados, com o intuito de fazer com que os conceitos trabalhados na pesquisa fossem mais acessíveis aos leitores.

Dentre as atividades, segundo Leontiev (2004), temos a atividade dominante, ela é o conteúdo do terceiro tópico da seção, consideramos necessário conceituar e compreender o significado da atividade dominante, pois tal atividade é a principal em cada período de desenvolvimento e a responsável pelas principais mudanças nos processos psíquicos da

criança. Com isso, explicamos as propriedades da atividade dominante e a sua influência no processo de desenvolvimento humano. Continuando com a atividade dominante, no quarto tópico delineamos em linhas gerais os períodos de desenvolvimento que foram formulados por Leontiev (2004) e as atividades principais que pertencem a cada um deles.

O quinto e último tópico desta seção trata da questão central desta pesquisa, ou seja, da atividade de estudo e dos princípios da educação desenvolvente. Neste tópico, explicamos o conceito da atividade de estudo, explicitando a sua estrutura e importância para o desenvolvimento humano, além de demonstrar o processo da educação desenvolvente na formação do sujeito ativo e participativo dentro da atividade de estudo.

Na terceira seção, “Análise de uma experiência de estágio: reflexões a partir dos pressupostos da teoria Histórico-Cultural” procuramos trazer para a pesquisa um exemplo prático para ilustrar os conceitos trabalhados na seção anterior, dessa forma relatamos e analisamos, partindo dos pressupostos da teoria Histórico-Cultural, e das contribuições de Leontiev (2004), Vygotsky (1988), Elkonin (1960), Engels (1999) e outros autores que discutem o processo de desenvolvimento humano e a atividade de estudo, a experiência de estágio que foi realizada no primeiro semestre do ano letivo de 2016, na disciplina de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, do quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Paranaíba. Ao efetuar o relato, descrevemos as observações feitas durante o estágio e o foco da análise foi o projeto interdisciplinar realizado com os alunos do primeiro ano do ensino fundamental.

Nas considerações finais, procuramos demonstrar quais foram os resultados alcançados com esta pesquisa, em que medida ela atingiu seu objetivo, ou não. Como sugestão ao leitor propomos ideias de outras pesquisas que podiam ser realizadas a partir desta, incentivando a continuação do que já foi estudado. Para finalizar, explicamos quais foram os benefícios que esta pesquisa trouxe para nós enquanto investigadora iniciante, como também quais os benefícios que ela trará para quem fazer a leitura e a apropriação dos conceitos trabalhados nela.

1. TRANSFORMAÇÃO DO MACACO AO HOMEM E A INFLUÊNCIA DA ATIVIDADE DO TRABALHO

“De longa data, o homem é considerado como um ser à parte, qualitativamente diferente dos animais”. (LEONTIEV, 2004, p.279)

O objetivo desta seção é compreender a concepção de homem e de desenvolvimento humano defendida pelo enfoque histórico-cultural. Para isso, é fundamental compreendermos a evolução do homem de acordo com tal enfoque e, com isso, entender como o homem deixou de ser simplesmente um animal para se transformar em um ser que pensa, planeja, age intencionalmente e transforma o meio em que vive. No decorrer da seção vamos considerar as leis biológicas e sua influência na transição do macaco ao homem, mas também reforçaremos a ideia de autores que estudaram o tema, para os quais a atividade do trabalho foi a condição fundamental para a formação do ser humano.

Durante a seção também vamos compreender o desenvolvimento do homem, entendendo que ele é construído historicamente por meio das relações sociais, percebendo que as suas características humanas não são inatas. Com isso, há uma desnaturalização do processo de desenvolvimento humano.

Segundo Leontiev (2004), por meio da teoria da evolução de Darwin foi possível entender que o homem tem origem animal, mas sofreu transformações. Uma espécie que evoluiu e se tornou diferente da classe animal.

De acordo com Engels (2005, p.4-5):

Há muitas centenas de milhares de anos, numa época, ainda não estabelecida em definitivo, daquele período do desenvolvimento da Terra que os geólogos denominam terciário, provavelmente em fins desse período, viviam em algum lugar da zona tropical – talvez em um extenso continente hoje desaparecido nas profundezas do Oceano Índico – uma raça de macacos antropomorfos extraordinariamente desenvolvida. (ENGELS, 2005, p.4-5)

Essa raça de macacos antropomorfos, segundo o autor, vivia em árvores e andava em bandos, formando manadas. Eram cobertos de pelos, tinham barba e orelhas pontiagudas. Com o passar do tempo os macacos começaram a assumir uma postura mais ereta ao se locomover e por consequência disso as suas mãos foram ficando mais livres para exercerem outras funções. De acordo com Engels (2005, p.7), essa mudança foi crucial para a transição do macaco ao homem, pois a partir do momento em que a mão se tornou livre, ela passou a “[...] adquirir cada vez mais destreza e habilidades; e essa maior flexibilidade adquirida transmitia-se por herança e aumentava de geração em geração”.

De acordo com Leontiev (2004), esse estágio em que o homem está se transformando fisicamente é denominado como “preparação biológica do homem”. Etapa na qual o homem dependia das condições biológicas para evoluir, ou seja, os fatores fisiológicos ainda dominavam a condição da espécie.

E as novas características adquiridas com a utilização da mão e a posição ereta foram sendo transmitidas hereditariamente, e permitindo que novas funções mais complexas fossem sendo atingidas. Porém, de acordo com Engels (2005, p.8), a “[...] mão não era algo com existência própria e independente. Era um membro de um organismo íntegro e sumamente complexo. Por isso, a evolução da função da mão beneficiava a todo o corpo provido por ela”.

Essas novas condições às quais o ser estava submetido, propiciaram não só a elaboração e utilização de ferramentas, como também o aparecimento das primeiras estruturas, ainda que sucintas, de trabalho e sociedade. Esse período Leontiev (2004) denomina como segundo estágio que, de acordo com ele, compreende várias etapas, que vão desde o surgimento do pitecantropo à era do homem de Neanderthal.

De acordo com Engels (2005), a partir do desenvolvimento do trabalho o homem passou a cada vez mais se agrupar e realizar atividades em conjunto. E por tal união, o homem foi criando a necessidade de se comunicar entre si, para desempenhar um trabalho melhor o homem tinha que estabelecer uma comunicação. Assim, a “[...] necessidade criou o órgão: a laringe pouco desenvolvida do macaco foi-se transformando, lenta mais firmemente, mediante modulações que produziam por sua vez modulações mais perfeitas, enquanto os órgãos da boca aprendiam pouco a pouco a pronunciar um som articulado após outro.” (ENGELS, 2005, p.10)

E a comunicação pela linguagem, segundo Leontiev (2004), promoveu alterações nas estruturas do organismo do homem. Sucederam transformações nas estruturas do cérebro e no conjunto de órgãos de estímulos sensoriais. Essas mudanças refletiam a influência das novas condições às quais o homem estava se submetendo. O desenvolvimento orgânico do ser passou a depender do desenvolvimento da produção do trabalho e do convívio social.

E, por fim, a modificação do homem perpassa por um último estágio:

A formação do homem passa ainda por um terceiro estágio, onde o papel respectivo do biológico e do social na natureza do homem sofreu uma nova mudança. É o estágio do aparecimento do tipo do homem atual – o *Homo sapiens*. Ele constitui a etapa essencial, a viragem. (LEONTIEV, 2004, p.281)

Nesse estágio o desenvolvimento e a evolução do ser humano se desprende completamente da sua sujeição preliminar, ou seja, de sua dependência biológica, que

correspondia a um processo vagaroso, já que dependia da transmissão por hereditariedade. E com a libertação, o homem passou a depender de uma outra lei, a lei sócio-histórica.

Do outro lado da fronteira, isto é, no homem em vias de se formar, a atividade do trabalho estava estreitamente ligada à evolução morfológica. Deste lado da fronteira, isto é, no homem atual, “acabado”, a atividade do trabalho não tem qualquer relação com a progressão morfológica. (ROGUINSK,1955 *apud* LEONTIEV, 2004, p.281)

Roguinsk (1955 *apud* Leontiev, 2004) descreve nesse trecho a passagem do homem, delimitando os dois lados. Em um lado, o homem que ainda está em processo de formação e ainda depende das leis biológicas. E do outro, o homem que sofreu transformações em suas estruturas orgânicas e físicas, mas também construindo o mundo social por meio da atividade do trabalho, desvinculando sua evolução dos meios anatômicos.

Isso significa que houve uma ruptura radical e o novo homem estava sujeito às novas condições que permitiriam a ele uma evolução maior, agora no desenvolvimento psíquico. As mudanças que ocorreram a partir do desenvolvimento do trabalho foram essenciais para formar o ser social. O homem totalmente formado já possui todas as características biológicas fundamentais ao seu progresso sócio-histórico infinito.

Porém, Leontiev (2004) afirma que apesar de o homem não depender mais das transformações biológicas, isso não quer dizer que as mudanças nas estruturas orgânicas pararam de ocorrer. O homem ainda continua a passar por transformações anatômicas, ele não foi suspenso das ações da atividade biológica. O autor, na verdade, quer dizer que as alterações orgânicas não delimitam mais o progresso da evolução do homem.

O que mudou foi o grau de relevância das leis culturais sobre o processo de evolução do homem. Antes o homem era regido pelas leis biológicas, depois com o desenvolvimento do trabalho e linguagem o homem passou a depender das leis sócio-históricas, ou seja, a ação do homem sobre a natureza por meio da atividade do trabalho promoveu várias mudanças fazendo com que ele se tornasse humano. Se tornar humano, em linhas gerais, de acordo com Leontiev (2004), significa adquirir funções psíquicas superiores, por meio da apropriação da cultura, que permitam ao homem planejar e agir intencionalmente.

Dessa forma, compreende-se que a ação do homem sobre a natureza não é realizada de forma inconsciente. O homem age sobre o meio em que vive intencionalmente, planejando seus atos. Ele possui características psíquicas sociais adquiridas com a evolução que permitem a ele pensar suas ações. Porém, de acordo com Leontiev (2004), essas características não são transmitidas hereditariamente, elas não são fixadas por meio de herança biológica.

Segundo o autor, essas aquisições se fixam sob uma outra forma, “[...] forma absolutamente particular, forma que só aparece com a sociedade humana: a dos fenômenos externos da *cultura material e intelectual*”. (LEONTIEV, 2004, p.283, grifos do autor)

E o aparecimento dessa forma se deu pelo fato de o homem desenvolver uma “[...] atividade criadora e produtiva. É aliás, o caso da atividade humana fundamental: *o trabalho*”. (LEONTIEV, 2004, p.283, grifo do autor). Por meio dessa atividade o homem se transformou completamente, se envolveu em um processo que o elevou qualitativamente como homem.

E essa evolução, segundo Engels (2005), se deu desde a elaboração dos primeiros instrumentos fabricados pelos homens pré-históricos, que foram os instrumentos de caça e pesca. Ao fabricar esses instrumentos o homem que só se alimentava de vegetais, começou a consumir carne. E a alimentação com a carne forneceu nutrientes importantes para acelerar o metabolismo do homem, dando a ele mais força física e independência. De acordo com Engels:

[...]onde mais se manifestou a influência da dieta com carne foi no cérebro, que recebeu assim em quantidade muito maior do que antes as substâncias necessárias à sua alimentação e desenvolvimento, com o que se foi tomando maior e mais rápido o seu aperfeiçoamento de geração em geração. (ENGELS, 2005, p.16)

Para o homem, a alimentação com a carne resultou em dois novos progressos de suma importância. De acordo com Engels (2005), consumir carne fez com que ele utilizasse o fogo e começasse a domesticar animais. E, ao cozinhar a carne, o homem tornou seu processo de digestão mais rápido, permitindo maior liberdade e tempo para realizar outras tarefas. A domesticação de animais também facilitou o processo de alimentação do homem, pois multiplicava suas reservas e proporcionava uma nova fonte de alimento - o leite e seus derivados - alimentos que também tinham o mesmo valor nutricional que a carne. Esses avanços permitiam ao homem gradativamente sua emancipação, distinguindo-o cada vez mais dos animais.

Com os progressos o homem foi aprendendo, segundo Engels “[...] a executar operações cada vez mais complexas, a propor-se e alcançar objetivos cada vez mais elevados” (ENGELS, 2005, p.18). A atividade do trabalho foi ampliando e diversificando, e com o passar das gerações ia se aperfeiçoando. Novas atividades surgiram como:

[...] a agricultura, e mais tarde a fiação e a tecelagem, a elaboração de metais, a olaria e a navegação. Ao lado do comércio e dos ofícios apareceram finalmente, as artes e as ciências, das tribos saíram as nações e os Estados. Apareceram o direito e a política e com eles o reflexo fantástico das coisas no cérebro do homem: a religião. (ENGELS, 2005, p.18)

Nesse processo o homem foi cada vez mais se distanciando dos animais, fazendo com que sua ação sobre a natureza adquirisse o caráter de uma ação intencional e planejada, com finalidades e objetivos já arquitetados.

De acordo com Engels (2005), os animais só podem utilizar a natureza e transformá-la pelo simples fato de estar presente nela. Diversamente, o homem transforma o meio em que vive para satisfazer suas necessidades. Elabora instrumentos e os meios para produzir esses instrumentos. A marcante diferença entre o ser humano e os animais reside na capacidade de produzir, por meio do trabalho, recursos existenciais e, a partir destes, ser capaz de ampliar e construir seu universo material e intelectual. E ao fazer isso o homem se transforma, pois a sua relação com os objetos sociais, que são as ferramentas da atividade do trabalho permite essa transformação. E essa possibilidade de se relacionar com os instrumentos não depende das condições biológicas, pois essas já não influenciam no processo, o que realmente determina são as condições sociais e materiais.

De acordo com Leontiev, o desenvolvimento do processo de produção dos bens materiais é paralelo ao desenvolvimento da cultura dos homens. Conforme o autor: “[...] no decurso da atividade dos homens, as suas aptidões, os seus conhecimentos e o seu saber-fazer cristalizam-se de certa maneira nos seus produtos (materiais, intelectuais, ideais).” (LEONTIEV, 2004, p. 283). Ou seja, as ações do homem se solidificam nos objetos, fazendo com que os sujeitos, ao se apropriarem daquele instrumento, desenvolvam sua conduta, o seu potencial intelectual. Pois, os objetos carregam em si propriedades materiais que proporcionam essa condição de adaptação. Assim, as propriedades do objeto permitem que o homem aprenda a controlar seus movimentos, sua conduta, seu comportamento de acordo com a intencionalidade desse objeto.

A linguagem escrita é um exemplo de instrumento construído pelo homem que proporcionou a ele elevar suas funções psíquicas superiores. De acordo com Beatón, “[...] a construção deste instrumento, a escrita, que demorou centos de mil anos, foi um fato que elevou o pensamento humano, e sua prática, para o uso de símbolos e signos generalizadores que permitem processos de abstração e generalização melhores e mais complexos”. (BEATÓN, 2006, p.13)

Assim, o instrumento da linguagem corresponde a uma ferramenta cultural de representação, que modificou e ampliou a comunicação do homem pois, segundo Beatón (2006, p.13), “[...]o ser humano já não operava com objetos concretos, com seus desenhos e representações, mas começou a operar, na solução de problemas, com formas indiretas, com os símbolos que os representavam”. A linguagem escrita permitiu que o homem evoluísse

ainda mais, pois ao representar simbolicamente os objetos concretos o homem conseguiu realizar outras funções que antes eram inacessíveis. O uso da linguagem também decorreu em transformações no cérebro humano, no qual a consciência, o pensamento e outras funções cognitivas passaram a ser determinadas pela função simbólica.

Com isso, compreendemos que a relação do homem com os objetos sociais realmente transformam suas estruturas biológicas e sua forma de interação com o mundo. E os avanços no processo de construção de instrumentos de trabalho pode ser compreendido, a partir dessas conclusões, como também um avanço no progresso histórico das aptidões motoras do homem. Há uma relação intrínseca entre os objetos produzidos em sociedade e a evolução intelectual do homem. Porém, essa relação do homem com o objeto não ocorre de forma direta e automática, é necessária uma mediação. E essa mediação pode ser realizada por outro indivíduo ou estar presente nos próprios objetos e na linguagem, sendo capaz de direcionar a ação e a interação do sujeito com o instrumento.

Assim, em uma sociedade rodeada de objetos sociais, as gerações que nascem já são submetidas a eles. Os novos homens são circundados de conhecimentos e aptidões criados pelas gerações precedentes. É um processo de aquisição na qual o homem “[...] apropria-se das riquezas deste mundo participando no trabalho, na produção e nas diversas formas de atividade social e desenvolvendo assim as aptidões especificamente humanas que se cristalizaram, encarnaram nesse mundo”. (LEONTIEV, 2004, p.284)

Leontiev (2004) afirma que um ser que não se desenvolve em sociedade, ou seja, não tem contato com a cultura humana, é um ser que não irá adquirir propriedades e aptidões próprias do homem. Se ele for criado junto aos animais, seus gestos, movimentos, sua forma de comunicar e andar irão se assemelhar ao dos animais. De acordo com o autor, isso comprova que “[...] as aptidões e caracteres especificamente humanos não se transmitem de modo algum por hereditariedade biológica, mas adquirem-se no decurso da vida por um processo de apropriação da cultura criada pelas gerações precedentes”. (LEONTIEV, 2004, p.285)

Portanto, as aquisições das atividades humanas ocorrem por meio do convívio social. O autor afirma que: “[...] cada indivíduo *aprende* a ser um homem”. (LEONTIEV, 2004, p.285, grifo do autor). Ou seja, não é inato nos indivíduos as características cognitivas, afetivas, sociais do homem, essas propriedades são por eles aprendidas e internalizadas por um processo sócio-histórico. Ninguém nasce sabendo andar, falar, brincar, essas ações são aprendidas em sociedade. É fruto da construção social, o ser reproduz o que lhe é transmitido.

Porém, de acordo com o autor, o homem é o único ser criador, e por isso consegue aperfeiçoar e também multiplicar o que já está elaborado.

É um processo que depende da ação do homem. Segundo Leontiev (2004, p.286):

[...] este processo é sempre ativo do ponto de vista do homem. Para se apropriar dos objetos ou dos fenômenos que são o produto do desenvolvimento histórico, é necessário desenvolver em relação a eles uma atividade que se reproduza, pela sua forma, os traços essenciais da atividade encarnada, acumulada no objeto.

Os objetos carregam em si os aspectos subjetivos e objetivos da cultura humana, ele não tem apenas características materiais. Suas dimensões físicas externas condicionam elementos que representam o desenvolvimento histórico e social da humanidade. Nesses objetos estão encarnadas e congregadas as ações de produção de trabalho construídas pelo homem historicamente.

Isso torna os instrumentos dos humanos diferente dos animais. Os instrumentos podem ser utilizados pelos animais para algumas funções, porém eles não projetam no objeto uma ação permanente e nem transmitem de geração a geração sua funcionalidade. Em contradição, o homem atribuiu aos objetos um valor simbólico, e sua relação com ele permite uma transformação ontológica, pois quando o homem manuseia os instrumentos nele se formam novas operações motoras. Nesse sentido, o homem se apodera das aptidões encarnadas no objeto, ou seja, das propriedades intelectuais e materiais que o objeto carrega, e também passa por um processo de constituição de novas faculdades motoras, que tornam suas aptidões ainda mais humanizadas. Ou seja, ao se relacionar com os objetos produzidos pela humanidade, o homem adquire uma postura humana e incorpora atitudes sociais. As propriedades materiais presentes nos objetos condicionam sua conduta, sua forma de agir e pensar, pois o pensamento humano e todas as suas ações são construídas a partir da relação com objeto em um processo de mediação.

Karl Marx, também compartilha da ideia, de que as características humanas são adquiridas através das suas relações sociais e históricas, ele compreende que:

O mundo, a visão, a audição, o olfacto, os gostos, o tacto, o pensamento, a contemplação, o sentimento, a vontade, a actividade, o amor, em resumo, todos os órgãos da sua individualidade que, na sua forma, são imediatamente órgãos sociais, são no seu comportamento objectivo ou na sua relação com o objecto a apropriação deste, a apropriação da realidade humana. (MARX,1844, *apud* LEONTIEV, 2004, p.286)

Ressaltando ainda mais essas ideias, Moreira complementa afirmando que:

[...] o indivíduo, para construir-se em sua totalidade, deve apoderar-se do que o gênero humano criou até o momento, realizando ao mesmo tempo, nesse movimento

de assimilação, transformações ininterruptas através da sua atividade social, econômica e histórica. O processo de hominização dos indivíduos ocorre através das relações dos mesmos, com a totalidade das manifestações culturais da humanidade. (MOREIRA, 2010, p.185)

É um processo no qual o homem precisa se relacionar com o mundo produzido pela cultura humana. Porém, os próprios objetos não fornecem sozinhos as condições para o desenvolvimento humano, eles estão apenas postos. Para que o indivíduo adquira os fenômenos materiais e intelectuais presentes nos objetos, se faz necessário a mediação de outros homens, por meio do processo de comunicação. E de acordo com Leontiev (2004, p.290) “Pela sua função este processo, é portanto, um processo de educação”.

Foi esse processo de educação que permitiu a continuidade do processo histórico da humanidade, através desse processo é transmitido de geração a geração as aquisições da cultura humana. Por isso, se torna necessário o ato de educar. Pois, de acordo com Moreira, a finalidade da educação é, “[...] conservar e transmitir às novas gerações o legado cultural decantado pela humanidade”. (MOREIRA, 2010, p.185).

Ou seja, sem a educação a história da humanidade se perderia. E a todo momento a criança é educada, pois a todo momento ela entra em contato com a cultura, desde os mais simples momentos de relação social e da relação com os objetos mais simples, até os mais sofisticados, ela está em constante processo de educação. Os adultos fornecem exemplos de conduta o tempo todo, mesmo não percebendo, as ações do adulto influenciam na formação da criança. Ou seja, a educação não se perpetua apenas dentro do ambiente escolar, de acordo com Leontiev, a educação se manifesta em diversas formas:

Na sua origem, nas primeiras etapas do desenvolvimento da sociedade humana, como nas crianças pequenas, é uma simples imitação dos atos do meio, que se opera sob o seu controle e com a sua intervenção; depois complica-se e especializa-se, tomando formas tais como o ensino e a educação escolares, diferentes formas de educação superior e até formação autodidata. (LEONTIEV, 2004, p.290-291)

Dessa forma, percebe-se que o ato de educar ocorre desde quando a criança nasce, desde seu primeiro momento de vida ela está sendo educada, a diferença é que a educação que ela recebe quando nasce, no seu cotidiano, é uma educação sem formalidades. Depois quando ela adentra na escola, essa educação muda, possui uma estrutura e uma formalidade, a educação nesta etapa é intencional, ou seja, tem um objetivo específico já estabelecido.

2. OS CONCEITOS DE ATIVIDADE: atividade de estudo e o princípios da educação desenvolvente

Os processos produtivos, ou seja, a atividade do trabalho permitiu que o homem se desenvolvesse ao longo dos séculos. O homem foi construindo um universo de riquezas materiais e intelectuais a partir de sua relação com o trabalho. E essa riqueza produzida não estagnou em apenas uma geração, o homem foi se tornando capaz de transmitir seus conhecimentos e habilidades para as suas gerações descendentes, o que permitiu que estas dessem continuidade à evolução da cultura.

A transmissão da cultura, dos conhecimentos nela contidos, só foi possível a partir do processo de comunicação e, de acordo com Leontiev (2004, p.290): “Pela sua função este processo é, portanto, um processo de educação”.

O homem possui características que o diferenciam dos animais, e que possibilitou a ele construir uma cultura e difundi-la aos seus semelhantes. Clarindo (2015) destaca a importância da atividade ao considerá-la:

[...] a característica humana que possibilitou ao *homo sapiens* avançar dos limites biológicos da vida animal para outro patamar nas relações com a natureza. Essa característica essencial que deu ao homem sua verdadeira humanidade é a atividade. Por atividade entendemos os processos tipicamente humanos de transformação da realidade, ou seja, o processo de ação criativa dos homens sobre a natureza. (CLARINDO, 2015, p.14)

É sobre esse conceito de atividade que vamos discutir nesta seção. Buscaremos entender o significado de atividade, como ela deve funcionar para promover o desenvolvimento do homem, e como ela se estrutura de acordo com a teoria histórico-cultural. Além de entender o significado da atividade, também vamos explorar a questão da atividade dominante e as etapas do desenvolvimento humano. E por fim, trataremos da questão central desta pesquisa, ou seja, da atividade de estudo e dos princípios da educação desenvolvente.

Segundo Clarindo (2015), compreender a atividade humana é fundamental para as pesquisas que procuram analisar as propriedades do mundo humano, pois tal atividade é essencial na construção do ser social. Diante disso, é necessário compreender, em primeira instância, a atividade precursora do homem como ser social, que:

[...] permitiu ao homem sair dos limites das relações biológicas com o mundo e elevou o homem ao patamar da vida em sociedade. Tal atividade possibilitou ao homem a construção desde simples e rudimentares ferramentas até as notáveis tecnologias; nessa atividade estão as bases da constituição da consciência humana e da constituição da linguagem humana. *Tal atividade se configura no trabalho.* (CLARINDO, 2015, p.48, grifo nosso)

Ou seja, a atividade do trabalho conduziu o homem à sua transformação, possibilitando a ele uma mudança radical em seu modo de vida, separando-o de sua dependência biológica e constituindo nele uma nova forma de se relacionar com a natureza. Nesse processo o homem também se modificou, isso caracteriza, de acordo com Clarindo (2015, p.46), “[...] uma relação dialética entre a criação da riqueza e o desenvolvimento humano possibilitado ao homem pelo trabalho”.

De acordo com o autor, pela atividade do trabalho, outras propriedades consideradas humanas foram emanadas, a origem dessas atividades é resultado da evolução e desenvolvimento dos bens produzidos, como também do progresso cultural que está encarnada nos objetos produzidos pelo homem. As funções motoras do homem só se desenvolvem quando ele se relaciona com tais objetos, pois estes instrumentos, de acordo com Lukács (2012 *apud* Clarindo, 2015, p.48), possuem “[...] condições materiais, ideais, químicas, físicas e mecânicas” das quais o homem se apropria para satisfazer suas necessidades.

A atividade, nesse contexto, é a base para a apropriação das características humanas cristalizadas no objeto, pois, é por meio dela que o sujeito se relaciona com o objeto de forma completa, já que há grande envolvimento naquilo que está fazendo. A relação com a cultura na atividade sempre ocorre de forma mediada pelas relações humanas, e a partir dessa relação o sujeito passa a conhecer o uso e a utilidade dos instrumentos que são responsáveis por suprir as necessidades objetivas da vida humana. (LEONTIEV, 2004)

E, no decorrer do tempo, o homem foi ampliando gradativamente essa atividade de trabalho, produzindo cada vez mais instrumentos complexos que foram exigindo das novas gerações a apropriação das faculdades e habilidades consolidadas nos objetos elaborados. Além disso, a atividade do trabalho proporcionou ao homem constituir uma sociedade humana organizada. Pois até na sua forma mais elementar, tal atividade manifesta o espírito de coletividade, fazendo com que os homens se envolvessem cada vez mais uns com os outros, e assim criassem um sistema de relações humanas. (LEONTIEV, 2004)

As relações humanas e a ampliação do controle dos instrumentos advindos da atividade de trabalho permitiram o desenvolvimento da consciência. Pois, segundo Leontiev (2004, p.109):

A primeira transformação importante no sentido de um alargamento do domínio do consciente, é realizada pela complexidade das operações de trabalho e dos instrumentos. A produção exige cada vez mais, de cada trabalhador, um sistema de ações subordinadas umas às outras e, por consequência, um sistema de fins conscientes que por outro lado, entram num processo único, numa ação complexa única.

Ou seja, as operações de trabalho proporcionaram ao homem direcionar suas ações, que passaram a ser subordinadas umas às outras. Antes as ações não eram realizadas intencionalmente, não tinham um objetivo. Só que a produção do trabalho foi exigindo que o homem ampliasse a sua visão e agisse para um fim. A fabricação de instrumentos e utensílios especializados, de acordo com Clarindo (2015), originou a tomada de consciência, pois ao produzir os instrumentos o homem deveria preconizar ao objeto uma finalidade, e assim o homem foi assimilando aos objetos um determinado fim.

E com o desenvolvimento dessas operações, o homem foi se tornando consciente. Suas ações passaram a propiciar condições para a realização de outras ações, sendo que uma ação passa a ser recurso para que outra se efetive. E essas novas condições exigiram:

[...] uma transformação radical nas relações entre os homens; nasce a necessidade de coordenar o empenho de todos a um fim comum em benefício da sociedade, e, assim organizar as distintas tarefas dentro do grupo e transmitir uns aos outros as formas culturais de experiências adquiridas. Para a solução dessa tarefa, surge um instrumento importantíssimo para desenvolvimento das formas superiores das capacidades humanas: com o resultado dessa necessidade objetiva e concreta dos homens surge a linguagem que se efetiva como condição direta para o desenvolvimento da consciência humana. (CLARINDO, 2015, p.50)

A linguagem torna-se o instrumento essencial para o desenvolvimento da sociedade. Ela surge para satisfazer a necessidade de organização dentro da esfera do trabalho e se torna o elemento primordial para o progresso da consciência humana. De acordo com Marx e Engels (2007, *apud* CLARINDO, 2015, p.50) “[..] a linguagem deve ser compreendida como a materialização da consciência, ou seja, a linguagem como consciência prática dos homens, compreensão que descarta totalmente que esses processos estejam descolados das relações produtivas”.

O que entendemos é que a linguagem surge como necessidade social, assim como a consciência. E, de acordo com Marx e Engels (2007, grifos no original *apud* CLARINDO, 2015, p. 50):

[...] a linguagem é a consciência real, prática, que existe para os outros homens e que, portanto, também, existe para mim mesmo; e a linguagem nasce, tal como consciência, do carecimento, da necessidade de intercâmbio com outros homens. Desde o início, portanto, a consciência já é um produto social e continuará sendo enquanto existir homens.

Enfim, a consciência é um produto social que se originou da necessidade de comunicação entre os homens. A consciência, de acordo com Clarindo (2015), representa o mais alto grau de reflexo da realidade, e é resultante das condições histórico-culturais das

operações de trabalho e do processo contínuo de comunicação entre os homens. Em síntese, segundo Clarindo (2015, p.51) “[...] a consciência é a consciência da existência, possível apenas nas relações sociais humanas”. Ela é fruto das interações concretas, se originando do processo laboral, tendo a linguagem como elemento fundamental para a concretização de suas características.

[...] a atividade de trabalho definiu a grande virada no processo do desenvolvimento filogenético humano; foi no trabalho que todas as grandes conquistas da humanidade foram possíveis de serem construídas; a produção cultural transformou-se radicalmente, em pequeno espaço de tempo, em relação aos processos de evolução biológica do homem. (CLARINDO, 2015, p.55)

As operações de trabalho desenvolveram no homem suas capacidades humanas, permitindo que ele produzisse um universo de bens materiais e culturais, diferenciando de todos os outros animais. Passou a ter consciência e adquiriu a habilidade da linguagem, todas essas transformações modificaram não apenas o mundo social do homem, mas modificou também suas estruturas genéticas. Ou seja, todas “[...] as capacidades humanas que diferenciam nossa espécie de todos os outros animais, estão no processo ativo de ação do homem na natureza, processo esse que denominamos de trabalho”. (CLARINDO, 2015, p.53)

Diante desses apontamentos, apoiados no enfoque histórico-cultural, sustentamos que nossa concepção de mundo, de indivíduo, de educação, de criança e de desenvolvimento humano está guiada pela ideia de que a atividade é a base para o progresso humano. E assim nosso trabalho compreende o processo educativo partindo do lugar que os indivíduos ocupam na atividade de ensino e aprendizagem. Desse modo, assim como fez Clarindo (2015) percebemos que é essencial compreendermos os elementos peculiares da atividade, e como ela está organizada dentro de nossa sociedade.

2.1 Atividade humana: fator constituinte do ser humano

De acordo com Leontiev (2004), a atividade se caracteriza quando o indivíduo age e o motivo de sua ação coincide com o objetivo da ação, ou seja, o motivo que o leva a fazer determinada ação é o mesmo que o produto final de sua ação. A atividade é designada por Leontiev (2004, p.315) como: “[...] os processos que são psicologicamente determinados pelo fato de aquilo para que tendem no seu conjunto (o seu objeto) coincidir sempre com o elemento objetivo que incita o paciente a uma dada atividade, isto é, com o motivo”.

Uma das características da estrutura da atividade, segundo Clarindo (2015), é o seu caráter objetual, este caráter desperta no ser uma necessidade e o provoca para satisfazê-la, ou seja, o motivo verdadeiro para o indivíduo atuar no processo de atividade está no objeto de sua satisfação. Dessa forma, entende-se que o que move o sujeito à ação é o produto final dessa ação. E a necessidade que move o sujeito é externa, está presente no contexto social, na cultura em que o indivíduo está inserido. Essa necessidade não é inata, ela é construída socialmente e culturalmente, a necessidade vai promover o motivo no sujeito que o conduzirá a ação.

Segundo Clarindo (2015), existe uma ligação intrínseca entre a atividade e o motivo, já que a atividade não existe se não houver um motivo que a faça existir. Para designar de fato a atividade, Longarezi e Franco (2013 *apud* CLARINDO, 2015, p. 63) explicam que “três componentes estruturais devem se unir, 'necessidades, objetos e motivo', tendo o motivo como articulador dessa união”.

Os motivos exercem duas funções no processo de atividade, conforme Clarindo (2015): a primeira função refere-se à característica estimuladora, que funciona na promoção da atividade, pois apenas os objetos e ações não possuem habilidades de incentivar o sujeito a agir. A segunda função do motivo é a fomentação de significados para a atividade, e é nesse processo em que se efetua a relação direta com o objeto, isto é, o que move à realização da atividade são os objetos de satisfação da necessidade.

As necessidades objetivadas, que caracterizam o motivo da atividade, precisam de meios para obter a satisfação de seus objetivos; as ações são os processos que vão se configurar como esse meio, pois é na ação que se representam os resultados a que a atividade deve chegar, ou seja, ao fim ou objetivo. A relação entre ação e fim se dá no mesmo patamar que a relação entre motivo e atividade, ação e fim estão em relação direta um com o outro. (CLARINDO, 2015, p.61)

Podemos utilizar como exemplo para ilustrar essa questão uma situação do cotidiano. Uma pessoa está preparando sua festa de natal e está na etapa de elaboração dos convites. Então sua atividade nesse momento é a de elaborar a festa de natal, neste caso, o objetivo final desta atividade é realizar a festa de natal. Porém, este não será o único fim dentro desta atividade, pois várias ações serão realizadas para concluir a preparação da festa e cada ação, conforme relatou Clarindo (2015), possui um fim. Uma dessas ações é a elaboração do convite, que tem como fim tornar a pessoa que receberá o convite ciente da festa. Desta forma, se a pessoa que está elaborando o convite tem a intenção de motivar o destinatário a ir à sua festa, a forma como ela irá elaborar esse convite será diferente. Pois quando a finalidade da ação muda, os recursos que serão utilizados também se transformam, ou seja, a pessoa

elaborará o convite se apropriando de recursos mais ricos, diversificados, coloridos e atraentes. Com isso, fica evidente que a consciência da finalidade da ação determina os elementos e a riqueza cultural da ação. Mas para preparar a festa de natal, não será realizada apenas a ação de elaborar os convites, diversas ações serão necessárias, como decorar o local da festa, preparar as refeições da festa, entre outras. E cada uma dessas ações possui uma subfinalidade, que faz parte da finalidade final da atividade.

O que se percebe a partir desse exemplo é que as ações são os meios para alcançar o resultado final, e elas possuem relação direta com o fim, pois todas as ações dentro da atividade estão conectadas com o objetivo final, porém cada uma delas possui seu fim específico, ou seja, uma subfinalidade.

Uma outra característica da atividade, de acordo com Leontiev (2004, p.316), é a sua associação com as impressões psíquicas, como as emoções e os sentimentos. E essas impressões “[...] não dependem de processos isolados, particulares, mas são sempre determinados pelo objeto, o desenrolar e a espécie de atividade de que fazem parte integrante”. Assim, a ação dos sujeitos não é determinada apenas por fatos concretos e externos, mas ela é influenciada pelos sentimentos e emoções que cada indivíduo carrega em si, porém esses sentimentos não são inatos ao ser, são construídos ao longo de sua trajetória histórico-cultural.

Leontiev (2004, p.316) afirma que há distinção entre a atividade e o termo ação. De acordo com ele, distingue-se “[...] das atividades os processos que designamos pelo termo de ação. Uma ação é um processo cujo motivo não coincide com o seu objeto (isto é, com aquilo que visa), pois pertence à atividade em que entra a ação considerada”. Ou seja, a ação faz parte do processo de atividade, ela é apenas um meio para se chegar ao fim.

Citamos mais um exemplo concreto desse processo: um sujeito deseja viajar a Paris, assim seu objetivo final é a viagem a Paris. Mas para conseguir viajar ele precisa de vários recursos, um deles é o recurso financeiro para poder comprar a passagem, pagar o hotel e demais necessidades. Diante dessa situação, o sujeito começa a produzir doces e vender, essas ações não estão diretamente ligadas ao objetivo final porque não o levarão a Paris, porém a finalidade delas é parte da estratégia para arrecadar dinheiro para a viagem. Assim, o sujeito realiza diversas ações para conseguir concluir seu objetivo final, e essas ações fazem parte do processo de realização da atividade, ou seja, a atividade é o conjunto de ações articuladas para chegar a um fim.

Há uma relação particular entre a atividade e a ação. O motivo da atividade, deslocando-se, pode tornar-se objeto (o fim) do ato. Resulta daqui que a ação se

transforma em atividade. Este elemento é de uma importância extrema. É desta maneira, com efeito, que nascem novas atividades. (LEONTIEV, 2004, p.317)

A ação pode se transformar em atividade, utilizamos o exemplo anterior da pessoa que produz e vende doces para arrecadar o dinheiro para sua viagem. Quando esta produz e vende baseada no objetivo de conseguir dinheiro para a viagem, este processo se configura como uma ação. Todavia, quando a pessoa começa a produzir os doces apenas por prazer, porque ela simplesmente gosta, neste caso a produção de doces se torna uma atividade.

Diante desses exemplos, fica evidente que a atividade está em constante processo de modificações, ela pode perder o motivo que a gerou e com isso se transfigurar em uma ação que possivelmente exercerá uma relação diferente com o mundo, gerando uma outra atividade. Já a ação se configura de forma oposta, pois ela pode absorver uma energia impulsionadora própria e chegar a ser uma atividade particular, como também pode se alterar em um artifício para atingir um determinado fim.

Clarindo (2015, p.63) afirma a importância de entender toda a dinâmica presente no contexto da atividade, visto que compreender;

[...] o caráter do movimento que a estrutura da atividade humana possui é necessário para compreender os nexos dos processos de cada etapa do desenvolvimento humano e sua ontogênese, pois no dinamismo da estrutura da atividade está a chave para aclarar as possibilidades do desenvolvimento da criança.

De acordo com Leontiev (2004, p.317), a característica dinâmica da estrutura da atividade possibilita mudanças radicais em todo o processo, pois esse caráter dinâmico

[...] constitui a base psicológica concreta sobre essa estrutura dependendo das necessidades e motivos e adquire condições que muda as necessidades e motivos a qual assentam as mudanças de atividade dominante e, por consequência, as passagens de estágio de desenvolvimento a outro.

Diante disso, compreendemos que a atividade tem uma estrutura dinâmica pois se modifica a partir das relações do indivíduo com o meio e essas relações geram novas necessidades que vão propiciar novos motivos. Para entender de fato as origens e as necessidades que permitem o surgimento da atividade de estudo, como atividade principal para as crianças no período escolar, é necessário conceituar e compreender o significado de atividade principal. Além disso, é fundamental entendermos e analisarmos os períodos de desenvolvimento humano, compreendendo de que modo em cada fase o homem realiza atividades que possibilitam a ele conquistar e desenvolver habilidades construídas ao longo da

história social dos seres humanos. É este o conteúdo do próximo tópico, a conceituação de atividade dominante juntamente com a descrição e análise das etapas de desenvolvimento humano.

2.2 Atividade dominante: a relação do indivíduo com o mundo

Segundo Leontiev (2004), a atividade dominante não se restringe a um nível quantitativo, ou seja, não se caracteriza como atividade dominante, a atividade que é realizada com mais frequência em dada etapa de desenvolvimento humano, nem aquela em que o sujeito dedica sua maior parte do tempo. O que realmente se configura como atividade dominante, conforme Leontiev (2004, p.312) é, “[...] portanto, aquela cujo desenvolvimento condiciona as principais mudanças nos processos psíquicos da criança e as particularidades psicológicas da sua personalidade num dado estágio do seu desenvolvimento”.

Ou seja, a atividade dominante se configura como a atividade central no processo psíquico dos indivíduos, sendo responsável pela formação da personalidade em cada etapa de desenvolvimento. A atividade principal conceituada assim por alguns autores como Clarindo (2015), tem funções que permitem dirigir as ações dos sujeitos, manipulando as relações existentes entre os indivíduos e a realidade que o cerca. A atividade principal, portanto, “[...] é diretora dos avanços no desenvolvimento psíquico humano em um certo momento da vida do sujeito; assim cada etapa do desenvolvimento psíquico humano tem uma atividade que dirige a relação do sujeito com a realidade”. (CLARINDO, 2015, p.65)

Leontiev (1988 *apud* CLARINDO, 2015, p.65) elucida que as atividades principais se designam por três atributos. A primeira propriedade da atividade principal apontada pelo autor refere-se às suas origens que, de acordo com ele, formou-se a partir de outras formas de atividades. Ou seja, a constituição da atividade dominante se faz pela junção e intervenção de outra atividade, representando assim uma cadeia de situações, na qual uma atividade só se forma a partir de outra. Assim, não existe atividade isolada, uma atividade só se constrói porque outra já existia. Além de ser constituída por outra, a atividade dominante também pode dar origem a outras formas de atividade. Isso evidencia que há uma relação dialética, já que o conteúdo da atividade dominante possibilita a formatação de outras atividades a ele relacionadas e o conteúdo destas amplia o conteúdo da atividade dominante, entre as atividades, e apesar de a atividade dominante ser a atividade central no desenvolvimento do indivíduo, ela não está segregada de um processo. A atividade faz parte de um processo dialético, pois não é estática e sim se desenvolve constantemente, ela se forma a partir de

outras e não existe atividade isolada, uma atividade é consequência de outra anterior e possibilita o surgimento de outras.

A segunda propriedade da atividade principal, de acordo com Leontiev (1988 *apud* CLARINDO, p.65-66) é;

[...]a base para formação dos processos psíquicos particulares; nela, esses processos têm sua origem ou se reorganizam os tipos de atividade que estão relacionados com atividade principal. Certos tipos de atividade não são modelados durante a atividade principal, mas por outras formas de atividade que tiveram seu nascimento e origem ligadas a ela [...]

Leontiev (1988 *apud* CLARINDO, 2015) exemplifica essa situação se referindo ao processo de observação e generalização das cores. Segundo ele a aprendizagem das cores durante a infância pré-escolar não ocorre por meio do jogo e da brincadeira, mesmo o jogo e o brincar sendo a atividade dominante desse período. Pois conforme ele mesmo explica, determinadas atividades nem sempre são modeladas por meio da atividade dominante, pode ocorrer de serem manipuladas por outras formas de atividade na qual seu nascimento e origem estiveram ligados. Assim, se aprende as cores por meio do desenho e prática de aplicação, ou seja, por intermédio das atividades lúdicas que se originaram do jogo e da brincadeira.

O terceiro atributo da atividade dominante, segundo o autor, refere-se à sua condição de precursora nas mudanças psíquicas dos indivíduos, pois o desenvolvimento das principais mudanças psicológicas da personalidade infantil depende da atividade dominante. Desse modo, é evidente que todas as mudanças significativas na constituição da personalidade, pela aquisição dos procedimentos sociais de comportamento, são resultados da atividade dominante de uma dada fase do desenvolvimento.

A partir dessas considerações se torna visível a importância da atividade principal no desenvolvimento infantil, e de acordo com Clarindo (2015, p.66) é essencial compreender;

[...] quais são as atividades consideradas diretoras na formação da psique infantil para a Teoria Histórico-Cultural, pois sem essa compreensão processual do desenvolvimento das atividades humanas, o entendimento de nosso objeto de estudo fica limitado a suas particularidades estáticas e não abarcando o movimento que constitui a verdadeira apreensão da realidade.

Ou seja, para compreender como ocorre o desenvolvimento humano é necessário entender e analisar quais são as atividades centrais de cada etapa do processo de desenvolvimento das atividades humanas. Em consequência disso, no próximo tópico vamos

tratar dessa questão, delineando em linhas gerais as etapas e as atividades principais que pertencem a elas.

2.3 Etapas do desenvolvimento humano em Leontiev

Antes de começar a explicitar os estágios em que passa o desenvolvimento humano, é necessário compreender que esses estágios de acordo com Leontiev (2004, p.312):

[...] não se caracterizam unicamente por um conteúdo determinado da sua atividade dominante, mas igualmente por uma sucessão determinada no tempo, isto é, por uma relação determinada com a idade da criança. Nem o conteúdo dos estágios nem a sua sucessão no tempo são todavia imutáveis dados de uma vez para sempre.

Isto é, os conteúdos da atividade dominante não são, de forma alguma, independentes das circunstâncias históricas concretas nas quais ocorre o desenvolvimento, eles dependem, antes de mais nada, de todas essas circunstâncias. Pois como vimos até aqui, cada indivíduo, cada geração nova, já nasce em uma sociedade onde se encontram prontas certas condições de vida, e essas condições influenciam diretamente tanto no conteúdo de cada estágio de desenvolvimento, como também em todo o conjunto de estágios que se formam durante toda uma vida. Assim, segundo Leontiev (2004), o tempo e o conteúdo do estágio de desenvolvimento, como o tempo e o conteúdo da educação e ensino, nem sempre foram os mesmos historicamente. Conforme iam mudando as épocas, as necessidades da sociedade, aumentava e gradativamente alongava-se a duração de cada estágio.

Com isso os limites de cada estágio de desenvolvimento dependem do seu conteúdo, que de acordo com Leontiev (2004) é determinado, por sua vez, pelas condições históricas em que se desdobram o desenvolvimento infantil. Portanto, conforme Leontiev (2004, p.312-313), "[...] não é a idade da criança que determina, enquanto tal, o conteúdo do estágio de desenvolvimento, mas, pelo contrário, a idade da passagem de um estágio a outro depende do seu conteúdo e que muda com as condições sócio-históricas". Essas condições, segundo o autor, também determinam qual a atividade que se torna principal para o sujeito em uma dada etapa do seu desenvolvimento.

Leontiev (2004, p.305) afirma que durante o processo de desenvolvimento dos sujeitos, influenciado pelas condições concretas da sua existência, o lugar que eles "[...] ocupam objetivamente no papel das relações humanas muda". Ou seja, as circunstâncias históricas e sociais determinam o papel do sujeito no interior da sociedade, e conforme essas

relações e condições se transformam, o papel que os sujeitos ocupam também mudam. Esse processo é responsável pelo desenvolvimento do psiquismo humano.

Diante disso, em sua obra, Leontiev (2004), definiu alguns estágios reais em que os indivíduos passam durante seu desenvolvimento. Segundo ele, existem quatro estágios principais: a infância pré-escolar, a infância-escolar, a adolescência-escolar e a vida profissional. Todos estes estágios estão relacionados à questão da educação, pois a “[...] relação entre o progresso histórico e o progresso da educação é tão estreita que se pode sem risco de errar julgar o nível geral do desenvolvimento histórico da sociedade pelo nível de desenvolvimento do seu sistema educativo e inversamente.”(LEONTIEV, 2004, p.291-292) Então, nesta perspectiva, a educação é responsável pelo desenvolvimento dos indivíduos, e por isso é necessário entender como o processo educativo influencia na formação da personalidade em cada estágio definido por Leontiev (2004, p.305):

A idade pré-escolar é o período da vida em que se abre pouco à pouco à criança o mundo da atividade humana que rodeia. Pela sua atividade e sobretudo pelos seus jogos, que ultrapassaram o quadro estreito da manipulação dos objetos circundantes e da comunicação com os pais, a criança penetra num mundo mais vasto de que se apropria de forma ativa. Toma posse do mundo concreto enquanto mundo dos objetos humanos com o qual reproduz as ações humanas.

A criança nesse estágio, por meio dos jogos e brincadeiras, começa a se apropriar dos objetos do mundo de forma mais ativa. De acordo com o autor a atividade principal desse estágio é a brincadeira, pois a partir dela a criança se insere no mundo concreto, pois ao brincar ela reproduz as ações humanas. Por exemplo, quando a criança brinca de cozinhar, ou dirigir um automóvel, ela está reproduzindo um ato humano, e ao mesmo tempo, se apropriando dos objetos construídos socialmente a partir da brincadeira. Mas ela não só se apropria dos objetos, por meio da brincadeira, ela também adquire as habilidades para manipular esses objetos. Dessa forma, a brincadeira se torna uma instrução, conforme afirma Coutinho *et al* (2013, p.4-5):

[...] o brincar permite a criança diferenciar novos tipos de atividade, já que a instrução no sentido mais estrito do termo surge através da brincadeira, em suma: a criança começa a aprender brincando, possibilita também o desenvolvimento de um processo psíquico particular, qual seja a imaginação ativa e é através do brinquedo que a criança pré-escolar se apropria de padrões de comportamento tidos como adequados pela sociedade e assimila as funções sociais das pessoas, sendo este momento crucial na formação de sua personalidade.

Outro aspecto importante desse estágio, refere-se ao relacionamento das crianças. De acordo com Leontiev (2004, p.306), o mundo da criança nesse estágio está dividido em dois círculos de relações. No primeiro círculo estão incluídos os indivíduos mais íntimos da criança, “[...] a mãe, o pai ou aqueles que ocupam o seu lugar junto da criança”. Já o segundo círculo é mais amplo, compreende todas as outras pessoas que fazem parte do cotidiano da criança. Nesse estágio, a relação da criança com o mundo é determinada pela sua relação com o primeiro círculo, ou seja, as pessoas mais próximas.

O próximo estágio definido por Leontiev, refere-se ao estágio escolar, que tem como principal característica a entrada da criança na escola. De acordo com Leontiev (2004, p.307) “[...] Todo o sistema das suas relações vitais se organiza”. A relação da criança com o primeiro círculo se transforma, tornando-se diferente, pois agora ela passa a conviver um maior tempo com as pessoas que constituem o segundo círculo. A criança que antes tinha obrigações apenas para com os mais íntimos passa a ter obrigações com a sociedade.

E as tarefas e deveres no contexto escolar, de acordo com Leontiev (2004, p.307), se tornam mais relevantes pois, segundo ele, “[...] Ao fazer os seus deveres, a criança tem, pela primeira vez, sem dúvida, a impressão de fazer qualquer coisa de verdadeiramente importante”.

Durante esse estágio a criança, de acordo com Coutinho *et al* (2013), confere sentidos e significados às atividades que antes não tinham significados para ela, um exemplo disso citado por Leontiev (2004, p.308) é a questão da nota:

Por agradáveis que possam ser, por exemplo, as relações íntimas que a criança sente “em casa”, o “dois” que o professor lhe deu assombrá-la-á inevitavelmente. Tudo mudou, portanto, a partir do momento em que foi à escola. Um dois é algo de muito diferente de uma recriminação da educadora do jardim de infância. A nota cristaliza em si, por assim dizer, as novas relações, uma nova forma de comunicação em que a criança entrou agora.

Alcançar uma determinada nota passou a ser um motivo para a criança estudar, em vários momentos ela não lê um livro para adquirir o conhecimento dele e sim para adquirir uma nota. Essa ação que não tinha significado para a criança antes de ela adentrar na escola passa a ser a motivadora de grande parte de sua carreira escolar. Porém essa ação de alcançar uma nota desconfigura a atividade, uma vez que o motivo para a ação está deslocado do objetivo final que faz parte da atividade de estudo, pois a atividade de estudo impulsiona o desenvolvimento e a forma como a escola, em sua, maioria desenvolve a necessidade altera a finalidade da atividade de estudo. O fato de conseguir uma nota tem como finalidade para a

criança agradar as pessoas que são próximas, e com isso ser recompensado, e não tem como fim desenvolver suas potencialidades.

A passagem para a etapa seguinte é marcada pela mesma lógica interna. De acordo com Leontiev (2004, p.309) esta passagem está “[...] ligada à sua inserção nas formas de vida social que lhe são acessíveis[...]” e este estágio é denominado por adolescência. Novamente o que marca a mudança de estágio é a relação do sujeito com o mundo que o rodeia, as condições externas que influenciam o seu desenvolvimento.

Neste estágio da adolescência há uma mudança do lugar em que o sujeito ocupa na vida corriqueira dos adultos que os cercam. As novas habilidades que o adolescente passa a possuir como “[...] suas forças físicas, os seus conhecimentos e as suas capacidades [...]” (LEONTIEV, 2004, p.309) colocam os adolescentes, em alguns casos, em posição de equidade com os adultos e em determinados momentos até se sentem superiores por realizarem algumas atividades julgadas como atividades dos adultos. Ele pode ser o “[...] o mecânico da família reconhecido ou o mais forte da família, mais forte que a mãe ou a irmã e apela-se para a sua ajuda onde seja preciso um homem: ou ainda pode ser o principal comentador, em sua casa, dos acontecimentos da vida pública”. (LEONTIEV, 2004, p.309)

Esta fase representa a última idade escolar, é neste período que o sujeito passa a assumir uma atitude crítica em relação às demandas sociais, transformando sua maneira de agir frente ao mundo real. Começa a ter um posicionamento pessoal diante das questões da realidade, e pela primeira vez passa a ter interesses verdadeiramente teóricos. Nesta fase o sujeito avança no seu desenvolvimento intelectual, e os alunos com idade mais avançada já começam a formar perspectivas gerais sobre o mundo, sobre as relações e sobre o seu futuro.

O último estágio é definido por Leontiev (2004) como estágio da atividade profissional. Esta nova etapa é marcada pela entrada do indivíduo no mercado de trabalho, e por mais que aparentemente essa mudança possa parecer insignificante, ela traz muitas consequências à vida do sujeito. De acordo com o autor, quando o indivíduo se torna um trabalhador ele passa a ocupar um novo lugar na sociedade, adquirindo novos conceitos que o fazem vislumbrar o mundo a partir de uma outra perspectiva.

Diante desses apontamentos, Leontiev (2004, p.309-310) afirma que:

A primeira coisa que devemos notar, quando nos esforçamos por resolver a questão das forças motoras no desenvolvimento do psiquismo, é portanto a modificação do lugar que a criança ocupa no sistema das relações sociais, é, porém, evidente que este lugar não determina por si só o desenvolvimento. Ele caracteriza simplesmente o nível atingindo num dado momento. O que determina diretamente o desenvolvimento do psiquismo da criança é a sua própria vida, o desenvolvimento

dos processos reais desta vida, por outras palavras, o desenvolvimento desta atividade, tanto exterior como interior.

Ou seja, o desenvolvimento da criança é determinado pelas condições de vida que ela possui. A atividade da vida é determinada pelas condições concretas (sociais e culturais) vivenciadas desde o nascimento do sujeito e analisando o conteúdo dessa atividade é possível compreender qual é o papel primordial da educação, uma vez que, de acordo com Leontiev (2004, p.310) a educação “[...] age justamente sobre a atividade da criança, sobre as suas relações com a realidade e determina também o seu psiquismo, a sua consciência”.

A atividade de estudo, sendo a atividade dominante da criança em fase escolar, tem como principal função direcionar as ações e relações dos sujeitos que estão nesta fase. Por tal motivo, se torna necessário entender como essa atividade se estrutura e desenvolve, e como a Educação Desenvolvente se torna importante neste processo de desenvolvimento, como forma de organizar o ensino para que os alunos sejam ativos e estejam envolvidos pelo motivo da busca pelos conhecimentos.

2.4 Estruturação da atividade de estudo pelos princípios da Educação Desenvolvente

O conteúdo deste tópico corresponde a uma conceitualização da atividade de estudo, explicitando a sua estrutura e importância para o desenvolvimento humano. Além de demonstrar o processo da educação desenvolvente na transformação do ser em sujeito ativo e participativo dentro da atividade de estudo.

De acordo com Clarindo (2015), quando a criança adentra na escola a atividade de estudo passa a ser a atividade dominante deste período, pois essa atividade se torna diretora dos movimentos e ações a qual a criança realiza. Ou seja, suas ações são mediadas pela atividade de estudo, e é por meio dela que a criança irá se apropriar dos diversos conhecimentos elaborados pela cultura humana, que estão encarnados nos produtos e objetos culturais, além de se envolver em relações mais complexas e amplas, que fogem do que estavam acostumadas cotidianamente.

A criança ao ter contato com os conhecimentos sistematizados, segundo Clarindo (2015), transforma seu modo de ver, pensar e se relacionar com a realidade que o cerca. Já que ao iniciar sua escolarização ocorrem mudanças radicais no lugar em que elas ocupam na sociedade, e essas mudanças ocorrem pois há alterações nas características e no conteúdo da atividade que elas passam a realizar.

As crianças quando ingressam na escola, “[...]começam a realizar uma atividade realmente séria e útil socialmente; o modo como cumprem suas novas obrigações como estudantes, tem influência direta nas relações com as outras pessoas[...]. (CLARINDO, 2015, p.84) A maioria das famílias muda seu comportamento para com a criança, ela exige da criança que ela realize as atividades que foram direcionadas na escola e propiciam condições para que elas a realizem, a criança nesse sentido passa a ter novos direitos. E essas novas incumbências que a criança tem que realizar e a forma como ela as cumprem, pode determinar, em ampla proporção, a conduta do adulto para com o infante. Ou seja, se o estudante se comporta bem na escola e se desenvolve nos estudos, a sua família o recompensará, sentirá orgulho e valorizará sua conduta, mas, se ocorrer uma situação inversa, a família o repreenderá e induzirá o estudante a corrigir as falhas no estudo. (ELKONIN, 1960 apud CLARINDO, 2015, p.85)

Na idade pré-escolar, a atividade principal era o jogo, e nesse tipo de atividade, segundo Clarindo (2015, p.85), a criança que organizava o seu tempo e o intervalo de suas ações, “[...] ela brinca no momento que quer e do mesmo modo, termina de jogar assim que suas necessidades lúdicas são satisfeitas[...]”. Porém com a entrada da criança na escola e com a transição da atividade do jogo à atividade de estudo, ocorrem mudanças radicais nas exigências para com as crianças. A sistematização das práticas pedagógicas presentes no cotidiano escolar, de uma forma ou de outra, é imposta aos estudantes, que, por conseguinte, acaba exigindo deles novas posturas que se diferenciam das que eram adotadas antes quando a atividade do jogo era a atividade dominante.

Dessa forma, “[...] o tempo, as ações e as condições presentes nesta etapa da aprendizagem infantil não são mais determinadas pela vontade da própria criança, e sim pelas relações e obrigações estabelecidas pela vivência do mundo sistematizado da escola” (CLARINDO, 2015, p.85). Assim, a vontade da criança fica relegada a um outro plano, ela passa a realizar suas atividades porque é obrigada e não porque sente vontade, ou seja, as novas regras de comportamento que as crianças seguem, muitas vezes, contradizem com as motivações e necessidades do infante nesta fase de mudança de um período a outro.

E algumas dificuldades no período de transição da atividade do jogo à atividade de estudo podem surgir devido a essas contradições citadas acima, Elkonin (1960 apud CLARINDO, 2015, p.85) explica que “embora ao atingir a idade escolar todas as crianças queiram estudar, nem sempre estão igualmente preparadas para estudo”. De acordo com o autor, em situações específicas á escola pode seduzir a criança apenas pelas suas características externas, como, o prédio da escola, as carteiras das salas de aula, os objetos

como lousa, giz, ou até mesmo o grande número de crianças presentes no ambiente. E essas crianças passam a ter as mesmas atitudes que tinham durante a atividade do jogo para com a atividade de estudo, podem recusar-se de realizar as tarefas na qual toda a turma está realizando, alegando que querem fazer outras coisas, as tarefas de casa executam sem dedicação, alternando com a atividade do jogo. Nos cadernos e livros da escola desenham o que sentem vontade.

Essas crianças que agem dessa forma ainda não estão motivadas para a atividade de estudo e por isso sentem dificuldades de se envolver com as atividades exigidas na escola. Diante disso, segundo Elkonin (1960, *apud* CLARINDO, 2015) e Talízina (2000, *apud* CLARINDO, 2015) fica evidente a necessidade dos profissionais da educação, principalmente os professores entenderem quais foram as motivações e necessidades que levaram a criança adentrar no ambiente escolar, tornando fundamental que estes profissionais percebam desde os primeiros momentos da criança no espaço escolarizado, “[...] se essas têm ou não a necessidade desta nova atividade, e se essa criança, quer ou não, se ocupar da atividade de estudos, se os estudantes têm ou não, o interesse pela apropriação dos conhecimentos científicos”. (CLARINDO, 2015, p.86)

Os profissionais da educação devem estar atentos aos estudantes, pois as dificuldades que os alunos apresentam sempre advém de um motivo, e o professor deve perceber isso para que possa agir de forma a poder reverter essa dificuldade, ajudando o aluno a superar suas limitações. Entender quais são as necessidades dos estudantes é de extrema importância para que o professor possa converter as suas atitudes envolvendo essas necessidades.

De acordo com Talízina (2000 *apud* CLARINDO, 2015, p.86) existem:

[...] dois grandes grupos de motivos que criam as necessidades pela posição de estudante; o primeiro grupo de motivos está relacionado às necessidades externas que a vida escolar possibilita, como por exemplo, a compra dos materiais escolares, a convivência com os colegas de classe, ter o uniforme escolar entre outros motivos que não estão diretamente relacionados com as atividades de ensino e aprendizagem. O segundo grupo de motivos que levam à criação das necessidades pela atividade escolar está no desejo do estudante em ocupar uma nova posição social, desejo este que é construído nas crianças sabem que aos olhos da sociedade, a condição de estudante tem uma valorização maior em relação a outras atividades.

A criança pode chegar a escola motivada por um desses motivos elencados acima, e isso vai depender de como foi o seu processo de desenvolvimento no período pré-escolar, ou seja, no período em que a atividade do jogo foi a atividade dominante. Pois conforme salienta Elkonin (1987 *apud* CLARINDO, 2015, p.86) “[...] a criação das necessidades de apropriação pelas crianças, dos conhecimentos, habilidades e capacidades que podem ser adquiridos nos processos de aprendizagem, tem suas raízes no jogo de papéis sociais[...]”. Já que, na

atividade do jogo a criança se envolve com diversas atividades humanas, reproduzindo e orientando seu aprendizado.

E nesse nosso jogo de papéis sociais ela passa a querer conhecer cada vez mais o mundo construído pela sociedade humana, pois em um determinado momento a criança não se satisfaz apenas em imitar o ato, ela passa a sentir outras necessidades, e são essas as necessidades que motivam a criança a conhecer. Por exemplo, uma criança imita seu pai lendo um jornal, faz isso várias vezes, mas em um determinado momento ela não vê mais sentido nesse ato de imitar, ela sente a necessidade de ler o jornal, porque passa a perceber que o que está escrito no jornal é importante, descobre que o jornal traz notícias da sua cidade e isso torna instigante para ela. Assim ela precisa aprender a ler para poder saber das notícias do jornal. E conseqüentemente passa a ter a necessidade da atividade de estudo, para assim poder ler o jornal.

Com isso fica evidente que a atividade do jogo tem papel primordial na fomentação de motivos direcionados à atividade de estudo, é pelo jogo que se forma na criança:

[...] a aspiração para realizar uma atividade socialmente significativa e socialmente valorizada, aspiração que constitui o principal momento em sua preparação para a aprendizagem escolar. Nisto consiste a importância básica do jogo para o desenvolvimento psíquico, nisso consiste sua função diretora. (ELKONIN, 1897, *apud* CLARINDO, 2015, p.87)

A partir dessas afirmações é evidente a importância da atividade do jogo no processo de desenvolvimento humano, pois é por meio dele que a criança se motivará para realizar a atividade de estudo. A atividade de estudo é então constituída pela relação da criança com os jogos que representam os papéis sociais, e também pela influência das relações sociais que valorizam a atividade de estudo. Nesse sentido, a atividade de estudo é, portanto uma atividade social, pois conforme afirma Filho (2011 *apud* CLARINDO, 2015, p.86)

[...] a atividade de estudo é social, porque não parte dos interesses exclusivamente individuais, nem recorre a métodos produzidos exclusivamente por um indivíduo no exato momento de sua vida, senão que refletem a própria história de cada um no contínuo da história social.

Porém, apesar de apresentar esse caráter social a atividade de estudo se concretiza em uma atividade própria do indivíduo. Diferente das outras atividades em que o objetivo e resultado são externos, pois as mudanças ocorrem nos objetos que a pessoa opera, na atividade de estudo a mudança é interna, pois quem muda é o próprio sujeito da atividade.

Qualquer outro tipo de atividade é voltado para a obtenção de resultados externos. Na atividade de pesquisa, por exemplo, é importante obter novas descobertas (caso contrário, a atividade perde sentido). O mesmo vale para a atividade lúdica. A

criança não brinca para se tornar mais inteligente. A tarefa consiste em um objetivo externo: reproduzir, com a maior precisão possível, o sistema das relações humanas. (REPKIN, 2014, p.88)

Todos os outros tipos de atividades consistem em objetivos externos, mas, na atividade de estudo o objetivo é bem distinto. No caso da atividade de estudo o objetivo e o resultado não reproduzem algo externo. Na verdade, ocorre uma mudança dentro do próprio sujeito que está realizando a atividade. Ou seja, "[...] a atividade de estudo deve ser entendida como atividade para a autotransformação do sujeito". (REPKIN, 2014, p.88)

Esse aspecto peculiar da atividade de estudo permite, pela primeira vez, que o indivíduo tenha consciência de suas habilidades de mudar a realidade que o cerca, e concomitantemente, consciência de sua capacidade de comandar seu próprio desenvolvimento. E essa autotransformação do sujeito só é possível quando o indivíduo está presente na atividade de estudo, e ao estar presente nesta atividade ela se torna sujeito. Assim,

[...] o processo de desenvolvimento da pessoa é o processo de seu estabelecimento como um sujeito de vários tipos e formas de atividade. Ou seja, uma pessoa se desenvolve não apenas como um ser existencial, mas também como um sujeito de vários tipos e formas de atividade humana. E a pessoa se desenvolve intelectualmente apenas na medida em que ela se torna sujeito – primeiramente de determinados tipos e formas de atividade e, em seguida, de agregados e sistemas de atividades (sujeitos da vida). Isso acontece porque o intelecto é a qualidade ou propriedade que inicia a atividade e torna seu desempenho possível. (REPKIN, 2014, p.88)

O indivíduo não desenvolve apenas suas características físicas, mas também se desenvolve intelectualmente, e esse desenvolvimento só é possível quando o indivíduo participa de vários tipos e formas de atividade humana. Segundo Repkin (2014) para a pessoa desenvolver sua personalidade ela precisa se desenvolver como sujeito. E de acordo com o autor, sujeito, significa, “[...] fonte de atuação efetiva, uma fonte de atividade. Atividade é o modo de existência do sujeito, e ele não existe em qualquer outra forma que não seja a atividade” (REPKIN, 2014, p.88). Dessa forma, fica evidente que a atividade e o sujeito estão fortemente ligados.

E é nesse contexto que a Educação Desenvolvente passa a fazer sentido. Pois se a criança, de acordo com Repkin, dentro do processo de ensino se torna sujeito, neste caso está ocorrendo uma Educação Desenvolvente. Mas se a criança não é o sujeito no processo, e sim um objeto, não podemos chamar esse processo de Educação Desenvolvente. Educação Desenvolvente de acordo com o autor ocorre:

[...] quando o parceiro do professor não é um aluno [no sentido de um objeto de ensino], mas um autoprofessor, um professor de si mesmo. Não é o professor que

ensina o aluno, mas o aluno que ensina a si mesmo. E o papel do professor é ajudar o estudante a ensinar-se a si mesmo. (REPKIN, 2014, p.88)

Ou seja, o aluno na educação desenvolvente não deve ser um objeto, e sim ser o próprio agente da atividade, o professor tem a função de auxiliar o aluno para que este ensine-se a si mesmo, e assim se torne sujeito ativo no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Clarindo (2015), a Teoria Histórico-Cultural sustentada pelos fundamentos teórico-metodológicos do materialismo histórico e dialético propõe caminhos para uma educação revolucionária que viabiliza a superação dos métodos educacionais baseados no senso comum e também da superação da escola tradicional. Para essa teoria, as práticas pedagógicas devem estar pautadas em uma educação desenvolvente.

Segundo Vygotski (1988 *apud* CLARINDO, 2015) para entender realmente o significado de educação desenvolvente é preciso deixar claro a concepção de que uma aprendizagem de qualidade gera condições para um desenvolvimento de qualidade. Ele afirma que “[...] uma educação que crie novos meios e ferramentas de relação com a cultura e conhecimentos mais elaborados pode formar novas vias para o desenvolvimento da criança” (VYGOTSKI *apud* CLARINDO, 2015, p. 121). Ou seja, a educação que proporciona instrumentos e alternativas que conduz a criança apropriar da cultura humana e dos conhecimentos elaborados pela sociedade humana é capaz de transformar o indivíduo, possibilitando a ele se desenvolver intelectualmente.

Para Vygotski (1988 *apud* CLARINDO, 2015) as dificuldades de desenvolvimento das habilidades psíquicas superiores não são inatas, e nem de natureza orgânica ou cronológica. Assim, não podemos definir o desenvolvimento de acordo com as idades do indivíduo, pois o desenvolvimento depende na verdade da qualidade do processo de ensino e aprendizagem, de como este ensino está organizado para atender as necessidades legítimas de cada estágio da vida da criança. O ensino para o autor deve proporcionar aos alunos uma riqueza de conhecimentos, visto que, apropriar os conhecimentos da cultura humana faz com que os alunos passem a formar novas capacidades psíquicas superiores.

Nesse sentido, é evidente a necessidade de um ensino que tem como objetivo o desenvolvimento integral do ser criança, isto é,

[...] o reconhecimento do caráter histórico do desenvolvimento infantil requer meios pedagógicos que permitam que a aprendizagem se adiante ao desenvolvimento, ou seja, as disciplinas devem buscar ferramentas educacionais que possibilitam às crianças o novo, o que elas não conhecem, ou seja, uma educação desenvolvente. (CLARINDO, 2015, p.122)

De acordo com o autor, uma educação que adote métodos pedagógicos tradicionais, na qual o aluno não tem espaço e nem voz, não é capaz de desenvolver capacidades criativas da personalidade das crianças. Pois para que ocorra esse desenvolvimento é necessário que haja práticas pedagógicas que possibilitam a ação real do indivíduo na realidade.

Ainda segundo Clarindo (2015), a atividade humana é a peça fundamental dentro do processo de ensino e aprendizagem, porque de acordo com o autor é somente por meio da atividade humana que o processo educativo “[...] tornar-se significativo e desenvolve, humanizador e criador de novas capacidades humanas nos estudantes, conseqüentemente, é pelo princípio da atividade que se torna possível superar os princípios da escola tradicional”. (CLARINDO, 2015, p.123)

Assim, ao compreender que a atividade humana é fundamental para desenvolver uma educação de qualidade, que forma sujeitos ativos e participantes no processo de ensino e aprendizagem, passa a se tornar necessário entender de forma profunda quais são os caminhos que levam a novos métodos revolucionários, métodos esses capazes de transformar radicalmente o processo educativo segundo a concepção de educação desenvolve.

Dessa forma, Davídov (1987 *apud* Clarindo, 2015) definiu princípios pelos quais uma educação que visa a transformação deve-se orientar para formar nos alunos os alicerces de uma personalidade criativa. Ele denominou o princípio como “princípio da sucessão qualitativa dos conteúdos”. De acordo com ele, esse princípio tem na educação desenvolve o papel de instituir os caminhos do desenvolvimento infantil. O autor afirma que esse princípio deve partir da sistematização e organização de cada estágio do processo educativo, pois ao compreender as vias, peculiaridades e necessidades de cada nível de ensino, torna-se possível dirigir as mudanças qualitativas dos conteúdos dos estágios da vida escolar. E para que o processo possa realmente ser de qualidade, de acordo com o autor é necessário que haja uma organização dos processos educativos com nítidos objetivos e métodos específicos, de forma que cada conteúdo seja fonte de um novo caráter qualitativo no processo de desenvolvimento infantil.

Para Davídov (1987 *apud* CLARINDO, 2015) os profissionais da educação devem compreender de forma nítida os aspectos peculiares de cada nível de escolarização, buscando metodologias eficientes capazes de transformar o processo de ensino. Metodologias que modifiquem o processo de aprendizagem baseado no acúmulo quantitativo de conteúdos, na qual os conhecimentos passados para os alunos não possuem significado e uso real dentro da atividade de estudo.

Em outras palavras, para que haja uma educação desenvolvente, o ingresso nos anos iniciais da vida escolar é o momento de se efetivar um novo caráter para os conceitos apresentados às crianças em relação aos conteúdos da educação pré-escolar. Os conceitos científicos, como nova forma conceitual é típica da idade escolar (pois é conteúdo da atividade de estudo como atividade principal deste período de desenvolvimento), devem ser tratados por meio de procedimentos específicos e qualitativamente diferentes daqueles que são utilizados para tratar os conhecimentos trabalhados na vida antes da escola, que até então eram baseados nas relações cotidianas, ou seja, o processo educativo escolar deve ser guiado pelas soluções das tarefas de estudos, através das ações de estudos que permitam a formação de novas formas teóricas de pensamento[...]. (CLARINDO, 2015, p.125)

Os conceitos científicos devem ser trabalhados de forma distinta de quando eram trabalhados os conhecimentos na etapa pré-escolar. A escola, por não compreender as etapas definidas por Davídov e a psicologia russa, acredita que na etapa inicial da vida escolar a criança ainda não está preparada para lidar com os conhecimentos científicos e teóricos, e por conseguinte, acaba por criar uma barreira na construção desses conhecimentos posteriormente. Ou seja,

Quando a criança é empurrada para a ciência na quinta ou sexta série, e ela foi treinada anteriormente a acreditar apenas na experiência prática, no que tem significado prático específico, naturalmente, não há física ou química que possa interessá-la. Isso é o resultado do fato de que não nos damos conta das verdadeiras habilidades da criança relacionadas à idade na fase anterior. (DAVÍDOV *apud* DUSAVITSY, 2014, p.79)

O desenvolvimento de métodos pedagógicos passivos na primeira etapa escolar faz com que os alunos percam o interesse de aprender já em seus primeiros contatos com a escola. O aluno que é condicionado à um método passivo não se torna consciente do verdadeiro valor da educação, não compreende o significado das atividades de estudo e a importância que ela tem na sua formação. E por conseguinte, esse aluno vai criando barreiras e perdendo o interesse em estudar.

Contudo, os alunos que se desenvolveram por meio da educação desenvolvente adotam uma outra postura frente as demandas escolares. Como exemplifica Dusavitsky (2014), em algumas escolas que optaram por aplicar uma educação desenvolvente nas séries iniciais e deixaram os métodos tradicionais para as séries finais, ficaram surpresos em relação as atitudes dos alunos quando estes chegavam as séries finais. Os alunos quando se deparavam com professores autoritários e uma forma de ensino bem distinta da que experimentaram na etapa inicial, reagiram de forma surpreendente, o que se esperava era que os efeitos da educação desenvolvente fossem apagados, mas de acordo com Dusavitsky (2014, p.82) as pesquisas mostram que “[...]uma vez que o choque emocional é superado, as crianças são capazes de encontrar uma saída para a situação problema”.

Assim, fica evidente a importância de um ensino de qualidade principalmente na etapa inicial da vida escolar, pois as habilidades formadas nesta etapa são mais difíceis de se romper, além de que um aluno que se desenvolve qualitativamente neste nível de ensino tem mais probabilidade de progredir nos outros níveis posteriores.

Novamente há uma mudança quando o aluno atinge o ensino fundamental, de acordo com Clarindo(2015) neste estágio novas necessidades se originam na vida dos estudantes, e a atividade de estudo não é mais a atividade dominante, nem por isso ela deixa de ter papel fundamental para o adolescente, pois a atividade de estudo neste estágio ainda tem a função de mediar as relações dos estudantes com os conhecimentos e com o mundo.

A atividade dominante deste novo estágio de desenvolvimento são as relações sociais em grupo, que é a base para as transformações da realidade psíquica do adolescente. "A comunicação em grupos sociais torna-se a grande fonte de desenvolvimento, é nela que se molda a personalidade do sujeito, suas frustrações e alegrias estão determinadas pelos códigos morais e éticos criados em grupo e mediatizam os atos dos estudantes". (CLARINDO, 2015, p.125)

As relações sociais dos sujeitos nesta etapa se tornam a atividade diretora do desenvolvimento, e portanto, os métodos pedagógicos e os conteúdos escolares devem estar relacionados com essa necessidade de interação social entre os jovens. (CLARINDO, 2015)

No último nível de ensino, ou seja, no ensino médio, a atividade dominante é a atividade profissional, e por tal motivo, os conceitos escolares e, por conseguinte a atividade de estudo deve ter vínculo direto com a vida profissional, isto é, com o mundo do trabalho.

Assim, cada etapa de ensino deve envolver as atividades principais de cada período, pois a atividade dominante é a diretora das ações dos sujeitos em determinada etapa e se os conteúdos escolares forem organizados para suprir as necessidades de cada etapa, priorizando a atividade dominante, o que ocorrerá é um desenvolvimento significativo dos estudantes, pois para desenvolver a atividade de estudo o professor vai estar partindo das necessidades dos estudantes.

Com isso, evidencia-se que uma prática pedagógica de qualidade não é aquela que visa à mera acumulação quantitativa de conhecimentos, "[...] pois é somente em processos pedagógicos organizados e sistematizados para criar e produzir novas funções psíquicas qualitativamente superiores que a educação humanizadora se efetiva". (CLARINDO, 2015, p.126)

Nas circunstâncias da educação desenvolvente não é só a personalidade do infante que muda, mas muda também a personalidade dos professores e a de muitos pais. A postura dos

envolvidos se transforma de uma conduta passiva, na qual a atitude monóloga é predominante, para uma conduta ativa e de constante diálogo. Enfim, a educação desenvolvente forma pessoas ativas, participativas e criadoras. (DUSAVITSKII, 2014)

Os princípios da educação desenvolvente desenvolvem alunos que pensam, planejam e agem intencionalmente, com práticas e um aprendizado diferenciado e de qualidade. Mas, em uma prática sustentada pelos princípios da educação desenvolvente não são só os alunos que mudam, todos que fazem parte do processo se transformam. Assim fica evidente que a educação desenvolvente é revolucionária e muda a realidade de quem entra em contato com ela.

As ideias apresentadas nesta seção se fundamentam na teoria histórico-cultural, todos os conceitos trabalhados aqui foram sustentados por esta teoria e, de acordo com ela, os sujeitos não nascem com características humanas, essas características são construídas socialmente, a partir das relações com os objetos da cultura humana, sendo que essa relação só é possível por meio da mediação de um outro indivíduo. Por conseguinte, uma educação de qualidade se torna possível quando os sujeitos recebem uma mediação de qualidade, por isso a prática do professor influencia diretamente na formação do aluno. Dessa forma, na próxima seção analisamos uma prática pedagógica que ocorreu em uma experiência de estágio, refletindo sobre a qualidade dessa prática e se ela se estruturou nos princípios de uma educação desenvolvente.

3. ANÁLISE DE UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO: reflexões a partir dos pressupostos da teoria histórico-cultural

O objetivo desta seção é relatar e analisar, a partir dos pressupostos da teoria histórico-cultural, e das contribuições de Leontiev (2004), Vygotsky (1988), Elkonin (1999), Engels (2007) e outros autores que discutem o processo de desenvolvimento humano e a atividade de estudo, uma experiência de estágio realizada no primeiro semestre do ano letivo de 2016, na disciplina de Estágio Supervisionado nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, no quarto ano do curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, unidade de Paranaíba.

O estágio foi realizado em uma Escola Estadual do município de Paranaíba, estado de Mato Grosso do Sul. Esta instituição possui as seguintes etapas de ensino básico: Fundamental, Médio e Educação de Jovens e Adultos, na modalidade supletivo. A experiência de estágio ocorreu no período vespertino, na sala de primeiro ano do Ensino Fundamental. Realizamos essa experiência em dupla, eu e uma colega de sala da faculdade, assim as atividades foram pensadas, refletidas e executadas de forma conjunta, além de ser supervisionada e coordenada pela professora universitária responsável pela disciplina de estágio.

O planejamento de tal experiência do estágio foi realizado tendo como fundamento teórico o modelo proposto por Gasparin (2007), autor que sistematizou metodologicamente os pressupostos da Pedagogia Histórico-Crítica elaborados por Saviani (2008). Assim, de alguma forma, já buscávamos colocar em prática os fundamentos da Psicologia Histórico-Cultural, que embasam tal proposta pedagógica.

A experiência foi dividida em dois períodos. No primeiro período, realizamos dentro da sala de aula um processo de observação-participante, ou seja, observamos a prática pedagógica da professora, o desenvolvimento dos alunos, o relacionamento da professora com os alunos, e todos os outros elementos que faziam parte da aula. Além de observar, em alguns momentos participamos de algumas atividades, auxiliando os alunos na realização destas.

Já no segundo período desenvolvemos com os alunos um projeto pedagógico, que denominamos “Projeto Interdisciplinar sobre a Diversidade Étnico-Cultural” (verificar Apêndice A). O projeto era interdisciplinar, pois englobava várias disciplinas como Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes e Educação Física. A duração do projeto foi de doze horas/aulas, divididas em quatro dias de aulas, sendo assim, cada dia executamos 3 horas/aulas.

O projeto de pesquisa será o foco da análise desta seção, tanto a sua estrutura e planejamento como sua execução, e os resultados serão analisados partindo das fontes teóricas que já foram discutidas nas outras duas seções anteriores. Importante ressaltar novamente que o projeto não se desenvolveu sem uma base teórica, utilizamos como fonte para planejar e pensar as ações as bases da Pedagogia Histórico-Crítica, a partir dos cinco passos propostos no livro de Gasparin (2007). O primeiro passo: Prática Social Inicial Nível de desenvolvimento atual do educando, neste passo Gasparin(2007) elucida que o ponto de partida para o ensino deve ser o conhecimento prévio dos alunos e ele demonstra como fazer uma relação entre esse conhecimento que o aluno traz e o conhecimento científico. O segundo passo: Problematização é o passo em que deve se explicar aos alunos as razões pelas quais os conteúdos escolares devem ou precisa ser aprendidos, transformando esses conhecimentos em perguntas problematizadoras. O terceiro passo: Instrumentalização, neste passo o professor apresenta aos alunos por meio de uma didática os conhecimentos sistematizados e com os conteúdos a disposição, os alunos são inculcados a assimilarem e recriarem, sendo que ao incorporá-los os alunos possam transformar esse conhecimento em um novo instrumento de construção. O quarto passo: Catarse, nesta etapa os alunos devem assumir uma nova postura intelectual que consequentemente influenciará nas suas práticas sociais. E por fim, o último e quinto passo: Prática social final do conteúdo, nesta etapa o aluno assume uma nova postura social e coloca em prática, na realidade o que ele aprendeu nas outras etapas.

Esse projeto foi realizado no primeiro semestre do ano de 2016, data em que a presente pesquisa ainda estava na sua etapa inicial. Por tal motivo, não planejamos o projeto partindo das ideias que estão presentes neste trabalho. Como o projeto já foi finalizado, cabe agora nesta seção apenas uma avaliação do que foi realizado e, consequentemente, como resultado das análises, propor sugestões de modificações nas atividades do projeto para que este possa, em outra ocasião em que for desenvolvido, contribuir para a formação de um aluno crítico, participativo e atuante, que o projeto possa futuramente se encaixar verdadeiramente nos princípios de uma educação desenvolvente.

Porém, isso não quer dizer que o projeto não teve resultados positivos, em muitos momentos o desenvolvimento do projeto se mostrou de qualidade, conseguindo alcançar alguns objetivos que estão presentes na discussão de uma educação de qualidade para a teoria histórico-cultural. Assim, vamos descrever e analisar, por meio das atividades, como se deu o processo de desenvolvimento do projeto e o que podemos enxergar de positivo e negativo nesse desenvolvimento.

Para iniciar a discussão, é necessário entender qual era o tema do projeto e o porquê da sua escolha. Dessa forma, o tema do projeto, como já foi citado, é a Diversidade Étnico-Cultural. Este tema foi escolhido, pois durante as observações na sala de aula e em conversa com a professora regente foi observado que os alunos estavam desrespeitando seus colegas, não os tratando com respeito e valorização.

Em nosso projeto, justificamos que essas atitudes são prejudiciais para o desenvolvimento da criança, ela precisa de relações sociais positivas para que possam formar-se como um cidadão que visa e age para o bem-estar social. Diante disso, propusemos, no projeto, o objetivo de fazer com que os alunos se apropriassem de valores de respeito a si próprios e aos outros, como também passassem a reconhecer e valorizar os diferentes tipos de cultura de nossa sociedade.

Depois das diversas leituras que foram realizadas para a elaboração dessa pesquisa, foi possível perceber a necessidade de melhor especificar os conceitos, portanto necessário esclarecer os significados de “relações positivas”, “atitudes prejudiciais”. A partir do referencial teórico, passamos a compreender a importância das relações sociais, o quanto elas são importantes para a formação do ser humano, sendo que elas são responsáveis por estabelecer a mediação dos indivíduos com a cultura humana. Assim, quando explicamos que a criança precisa de relações positivas, isso significa que ela precisa de relações humanizadoras, e para isso devem ser desenvolvidos valores humanizadores, como respeito, cooperação e solidariedade, valores estes que fazem parte da educação desenvolvente. E se não existir essas atitudes de respeito, solidariedade, cooperação o processo passa a ser prejudicial, pois em um ambiente em que não há relações humanizadoras não é possível estabelecer um ambiente propício ao aprendizado, pois quando os alunos não cooperam entre si, não são solidários, eles não se desenvolvem qualitativamente.

Em relação ao objetivo geral do projeto, podemos afirmar que este também deve ser reformulado: hoje consideramos que o objetivo era, de fato, a partir da história “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado, proporcionar situações de reflexão sobre a diversidade étnico-cultural brasileira, contribuindo para que as crianças se apropriassem de valores como o respeito a si próprias e ao outro, e também com o objetivo de elevar a autoestima do aluno negro. Porém, não é possível que os alunos se apropriem dos valores de forma tão direta e pontual, assim o objetivo deveria ser, na verdade, propiciar a discussão de vários aspectos sobre as diferenças das pessoas a fim de que os alunos se apropriassem de valores de respeito a si próprio e ao outro, ou seja, promover a discussão seria o objetivo e não a apropriação em si, que seria consequência desse processo.

Outra questão a ser levantada por nós é quanto ao objetivo elencado, que se referia a elevar a autoestima do aluno negro. Ao delimitarmos esse objetivo, de certa forma estamos excluindo os alunos negros, segregando-os em uma outra classe. Então, o objetivo não deve visar apenas elevar a autoestima do aluno negro e sim de todos os alunos, para que todos se sintam parte do projeto e representados nas discussões.

Partindo do objetivo principal, elencamos no projeto os objetivos específicos, que foram: desenvolver atividades que permitam aos alunos refletirem sobre a diversidade étnico-cultural brasileira com a integração dos eixos do conhecimento na perspectiva da Pedagogia Histórico-Crítica, partindo da história "Menina Bonita do Laço de Fita"; desenvolver e potencializar a criatividade; compreender as relações biológicas que se estabelecem nas famílias; compreender de forma breve o ciclo reprodutor dos coelhos e perceber as diferenças que existem dos seres humanos; proporcionar meios para que a criança desenvolva a linguagem, a escrita e a coordenação motora de forma contextualizada; despertar o gosto por vídeos e leitura literária; desenvolver a coordenação motora por meio de brincadeiras com a temática da história; possibilitar o contato com gêneros textuais direcionais e organizacionais (mapas); valorizar as culturas que construíram o Brasil, observando seu significado histórico e social; e por fim realizar atividades que desenvolvam o raciocínio lógico matemático por meio de jogos.

Diante disso, elaboramos um projeto que tinha como objetivo proporcionar aos alunos recursos que fizessem com que eles repensassem as suas atitudes e pudessem adotar novas posturas em relação à problemática. Assim, as ações do projeto partiram de uma necessidade da escola, da professora regente e também nossa, pois os agentes da escola e nós, como estagiárias, percebemos que era necessário proporcionar aos alunos meios para que eles adotassem um relacionamento mais empático entre eles. Sabemos o quão importante é uma relação harmoniosa dentro de sala de aula, pois quando existe união entre os alunos da sala, até o mais simples processo de aprendizagem se torna mais rico e de qualidade.

Podemos afirmar então que houve uma atividade quando realizamos o projeto, pois como salienta Leontiev (2004) a atividade se caracteriza quando o motivo que faz o indivíduo agir é o mesmo que o objetivo da ação, ou seja, o indivíduo quando está realizando uma atividade tem consciência da sua ação, e planeja essa ação para alcançar um determinado fim. Assim, o motivo que o leva a fazer determinada ação é o mesmo que o produto final almejado por sua ação. Dessa forma, quando elaboramos o projeto, tínhamos consciência de nossas ações, pois os objetivos específicos do projeto, ou seja, as subfinalidades da atividade, que era o projeto, tinham um fim específico, mas também estavam direcionados a uma finalidade final

que era o objetivo geral do projeto. Podemos considerar que o projeto era uma atividade para nós, pois ele partiu de uma necessidade nossa, necessidade de desenvolver nos alunos relações humanizadoras.

Com base nessa necessidade, várias ações foram elaboradas para desencadear nos alunos necessidades humanizadoras. O projeto foi construído então por diversas ações que tinham como objetivo sanar essa necessidade, todavia foram elaboradas outras ações que não tinham essa finalidade, ações que objetivavam o desenvolvimento da leitura, da escrita, do raciocínio lógico, e de outros conteúdos que também são importantes para a formação do aluno.

Dentre todas as ações executadas no projeto, quatro delas foram elencadas como essenciais para análise desta seção, pois tais ações tinham a mesma finalidade final do projeto, ou seja, as finalidades dessas ações eram desencadear nos alunos necessidades humanizadoras.

A primeira ação que realizamos foi a leitura do livro “Menina Bonita do Laço de Fita”, de Ana Maria Machado. Para executar a leitura utilizamos o avental de histórias, esse avental é composto por personagens de EVA, que vão sendo colados no avental conforme a leitura da história ocorre. Esse recurso lúdico é importante, pois permite que os alunos fiquem mais atentos e interessados na leitura da história. Depois que realizamos a leitura, montamos com os alunos uma roda de conversa, sentamos todos no chão, em círculo, e começamos a discutir com os alunos a história. O objetivo da discussão era fazer com que os alunos tomassem consciência das diferenças entre as pessoas e percebessem a necessidade de gostar das diferenças e com isso respeitá-las.

Assim, dentro dessa ação percebemos a existência de duas finalidades: a primeira era fazer com que os alunos conhecessem a história, finalidade que pode ser classificada como subfinalidade, pois é uma finalidade específica dessa ação, e a finalidade final era fazer com que os alunos respeitassem as diferenças, sendo esta finalidade a mesma do projeto, ou seja, da atividade. Essa situação é um exemplo nítido da explicação de Clarindo (2015) sobre a relação entre os conceitos de atividade e ação, pois segundo ele, as ações são os meios para alcançar o resultado final, e a ação possui relação direta com o fim, sendo que todas as ações dentro da atividade estão conectadas ao objetivo final, porém como elucidada o autor, cada uma delas possui seu fim específico, ou seja, uma subfinalidade.

A leitura e discussão da história foi uma forma de colocar o assunto principal do projeto em pauta, o livro foi um recurso utilizado para gerar um motivo nos alunos, ou seja, a partir da leitura do livro e da discussão, tínhamos como objetivo desencadear nos alunos a

necessidade de compreender porque as pessoas são diferentes e porque é importante respeitar as diferenças.

A segunda ação a ser analisada é diferente da primeira, pois sua estrutura se modificou durante o processo de desenvolvimento. Na segunda ação, retomamos com os alunos a parte da história “Menina Bonita do Laço de Fita” que tratava sobre a semelhança dos pais com os filhos, dos animais e seus filhotes, e discutimos com as crianças sobre essa semelhança. Depois pedimos para que as crianças trouxessem de casa fotos deles com suas famílias, para eles poderem observar e comparar essas semelhanças ou até mesmo diferenças.

Nesse momento, percebemos que as crianças foram provocadas a realizar a ação e muitos alunos ficaram eufóricos quando a propusemos. Assim, fica evidente que os alunos sentiram necessidade em realizar a atividade, e essa necessidade surgiu a partir da história lida e trabalhada com eles, pois quando eles perceberam que a menina era parecida com sua avó, e o coelho com seus pais, eles também queriam descobrir com quem eles eram parecidos. Por isso, como afirma Clarindo (2015), a necessidade é externa, e está presente no contexto social, ela não é inata, e sim construída socialmente e culturalmente.

É a necessidade, conforme Clarindo (2015), que vai promover o motivo no sujeito, que o conduzirá a ação. Assim, analisando a situação que ocorreu no projeto, a necessidade dos alunos de poderem observar e comparar as semelhanças com suas famílias, os motivou a trazerem as fotos deles com suas famílias e realizar as análises das fotos. Dessa forma, é evidente que essa ação se transformou em atividade, pois conforme já foi salientado há atividade quando existe motivo e necessidade.

Leontiev (2004) confirma essa situação quando afirma que a atividade tem uma estrutura dinâmica e se modifica a partir das relações dos indivíduos, sendo que essas relações geram novas necessidades que vão propiciar novos motivos. Enfim, a ação que antes era apenas um meio para alcançar uma finalidade se tornou atividade, pois adquiriu novos motivos e necessidades.

A terceira ação também pode ser classificada como diferente, pois trabalhamos com eles um gênero cultural/artístico que é pouco discutido nas escolas e também no ambiente familiar e social. Trouxemos para eles a figura da pintura de Tarsila do Amaral, “Os Operários”, e discutimos com eles a estrutura desse gênero artístico, os elementos que fazem parte dele, além de discutir também a questão social que envolve tal gênero.

Para conduzir a discussão fizemos várias perguntas para os alunos, como: o que eles acharam da pintura; se eles já tinham visto; se eles gostam ou tem o hábito de observar quadros; se em sua casa tem algum quadro. Explicamos para eles também que as pinturas não

são apenas desenhos, mas expressam sentimentos, emoções, ideias e valores. Depois, discutimos com eles sobre a diversidade, que é uma questão que também é tratada na pintura, pois nela existem diversas pessoas de diferentes etnias, características físicas e culturais.

Assim, nessa atividade tivemos dois tipos de intenção: a primeira ação, na qual ocorreu a discussão sobre os elementos do gênero da pintura, possui uma subfinalidade, ou seja, um objetivo específico dentro do processo da atividade, e a subfinalidade dessa ação é fazer com que os alunos compreendam que a pintura é uma forma de representação, que expressa pensamentos e, por isso, tem intencionalidades. A outra intenção, relacionada ao objetivo final da atividade, se concretiza com a discussão sobre as diferenças, pois a partir dela os alunos vão compreender a importância do respeito ao próximo e da valorização das diferenças, este é o objetivo final da atividade.

A quarta e última ação a ser analisada corresponde àquela que realizamos para a culminância do projeto, ou seja, foi a última ação que executamos com os alunos e tinha o objetivo de avaliar em que medida todas as etapas anteriores promoveram, ou não, mudança na conduta dos alunos. A ação era a apresentação da música “Ninguém é igual a Ninguém (Milton Karam), que tinha como tema o respeito às diferenças, a auto aceitação, e o combate ao preconceito. O tema da música tem relação direta com o objetivo final do projeto, por isso a apresentação da música foi escolhida como a ação que fecharia todo o projeto. Para a apresentação da música foi necessário o ensaio dos alunos, então no final de cada dia de aula ensaiávamos com eles a letra e coreografia da música. Durante o ensaio os alunos foram interagindo e percebemos que eles estavam mais unidos, cooperavam uns com os outros ajudando o colega quando era preciso, ensinando ou até mesmo dando dicas para que o colega conseguisse realizar um passo da coreografia. Dessa forma, fica evidente que houve um avanço em relação ao comportamento dos alunos, e que a partir principalmente dessa ação eles perceberam a importância da união e do respeito para com o outro, pois a apresentação da música envolvia todos os alunos e se um não estava conseguindo, era dever do outro ajuda-lo. Assim nessa ação, os valores da educação desenvolvendo como respeito, solidariedade, cooperação foram desenvolvidos e ficou ainda mais evidente a importância desses valores dentro do ambiente escolar. A apresentação da música demonstrou isso, pois os alunos apresentaram a música muito bem, conseguindo desenvolver a ação proposta a eles.

Enfim, essas quatro ações dentro do projeto foram realizadas com o objetivo de reverter o comportamento dos alunos, porém nem todas conseguiram atingir o objetivo, mas de certa forma observamos que houve mudanças significativas e que com certeza foi benéfica

a realização deste projeto, pois mesmo que as mudanças não ocorreram da forma como esperávamos, elas puderam fazer algum efeito na vida dos alunos.

Além da realização das ações do projeto, durante a observação e regência pudemos observar o desenvolvimento de vários alunos dentro da sala de aula. Alguns alunos tinham mais facilidade no processo de aprendizagem, outros já tinham mais dificuldades, mas mesmo assim ainda participavam das atividades. Porém, uma aluna em especial nos chamou a atenção, pois não desenvolvia as atividades. Essa aluna tinha muitas dificuldades e não participava das atividades que a professora realizava. Ela sempre se interessava por outras coisas que não estavam relacionadas com a atividade de estudo. Indaguei a professora regente da sala sobre a situação da aluna, ela me disse que a aluna havia entrado recentemente na escola, e que antes ela frequentava a Educação Infantil.

Diante desses fatos, podemos analisar a situação dessa criança recorrendo aos apontamentos de Elkonin (1999 *apud* Clarindo, 2015) pois, segundo ele, algumas crianças sentem dificuldades no período de transição da atividade do jogo à atividade de estudo, uma vez que no período pré-escolar a atividade principal era o jogo e nesse tipo de atividade é a criança que organiza seu tempo e o intervalo de suas ações, mas quando as crianças entram para a escola (Ensino Fundamental) ocorrem mudanças nas exigências dos adultos para com elas. Como Elkonin (1999 *apud* Clarindo, 2015) explica, apesar de a criança alcançar uma idade escolar, nem todas estão preparadas para o estudo, porém não é apenas uma questão biológica, de maturação, esta é uma questão menor para o desenvolvimento. Ou seja, não é a idade da criança que determina esta situação, ela não está preparada, pois não foi ofertada a ela condições adequadas de vida e de educação. Então, no caso dessa criança por meio das observações e análises realizadas entendemos que ela ainda não estava preparada para a atividade de estudo, e cabe ao professor mediar esse processo para que ela possa se envolver nas atividades, se desenvolver e estar hábil para este novo processo de sua vida.

Porém essa preparação da criança não deve ocorrer só quando ela entra para o Ensino Fundamental e se depara com a atividade de estudo, deve ocorrer bem antes, quando a criança ainda está no período pré-escolar. É de incumbência do professor da Educação Infantil desenvolver nas crianças a necessidade da atividade de estudo a partir da atividade do jogo, pois conforme afirma Elkonin (1987 *apud* CLARINDO, 2015, p.86) “[...] a criação das necessidades de apropriação pelas crianças, dos conhecimentos, habilidades e capacidades que podem ser adquiridos nos processos de aprendizagem, tem suas raízes no jogo de papéis sociais[...]”. Pois, quando a criança faz uso da brincadeira para melhor entender o mundo que o rodeia, e tem oportunidade de brincar com diversos recursos, ao mesmo tempo que tem

contato com outros elementos culturais que vão mostrando a elas outras realidades, essa criança desenvolve então a necessidade de outras formas de compreender o mundo, para além da brincadeira, desenvolvendo assim a necessidade da atividade de estudo.

Fica evidente a importância do jogo, da brincadeira para a formação da criança, pois é a partir desse tipo de atividade que a criança vai adquirindo a necessidade da atividade de estudo. Além disso, é importante que a criança, quando entra para o Ensino Fundamental e se depara com um novo tipo de estrutura organizacional, com outros horários e uma nova rotina, seja motivada pelo professor, este deve permitir que elas contribuam na discussão e elaboração dessa rotina, na organização das atividades e do tempo, pois a criança, na perspectiva da educação desenvolvente, deve ser um agente do processo, deve participar como sujeito, tendo autonomia e voz para escolher e decidir junto com o professor como será organizado seu cotidiano escolar. Fazendo isso os alunos vão se sentir parte do processo e, conseqüentemente, se desenvolverão qualitativamente.

Assim, a criança com que nos deparamos na escola durante o projeto de estágio relatado estava com dificuldades muito possivelmente porque não foram oferecidos a ela os recursos que citamos acima. Ela sentiu dificuldades em se adaptar a todas as mudanças que ocorreram, e essa dificuldade pode durar minutos, dias ou até mesmo meses, mas a duração irá depender de como o adulto, principalmente o professor, vai mediar esse conflito, ou seja, como ele vai planejar a sua prática pedagógica para que a criança supere essas dificuldades. (ELKONIN, 1999 apud CLARINDO, 2015)

Além da organização do tempo e da rotina dos alunos, as atividades que são desenvolvidas com eles também exercem grande influência no desenvolvimento escolar dos alunos, pois é a partir das atividades que eles vão se apropriar das habilidades e dos conteúdos pertinentes ao seu desenvolvimento. Porém em cada período deve se desenvolver um determinado tipo de atividade, pois o conteúdo da atividade vai ser definido principalmente pela atividade dominante que cada período possui. No caso dos alunos que presenciaram o projeto, alunos do primeiro ano do ensino fundamental, de acordo com Davídov (1988 apud Clarindo, 2015), para esses alunos que acabaram de iniciar a vida escolar, as atividades que serão desenvolvidas devem ter um caráter científico, o professor deve trabalhar conceitos científicos, não abandonando totalmente o método empírico, mas indo além do empírico. Os alunos devem ser conduzidos a um processo de movimento do pensamento empírico ao pensamento teórico.

Partindo desses conceitos, que são princípios da educação desenvolvente, e avaliando o projeto desenvolvido, é perceptível que em algumas ações tínhamos como meta desenvolver

um pensamento científico nos alunos, e com isso partimos de um pensamento do senso comum que os alunos traziam e, a partir dos conteúdos e exercícios trabalhados, tínhamos a intenção de fazer com que os alunos passassem a pensar além do senso comum, do cotidiano, e pudessem assim alterar sua conduta.

O que se percebe durante toda esta análise é que houve uma intenção de desenvolver uma educação desenvolvente, e uma prática com bases na teoria da Pedagogia Histórico-Crítica. Porém vários entraves e implicações dificultaram este processo. Uma das complicações foi o fato de estarmos realizando o projeto apenas como estagiárias, dessa forma não tínhamos toda liberdade para realizar o que era pertinente. A relação com os alunos também era um pouco mais difícil, pois como não éramos a professora regente eles acabavam sendo um pouco mais indisciplinados, essa indisciplina em determinados momentos também foi consequência do fato do envolvimento dos alunos em certas ações, ou seja, nem todas as práticas realizadas envolveram os alunos, sendo assim, eles não atuavam efetivamente, e por conseguinte acabavam sendo indisciplinados.

Outro ponto que dificultou foi a falta de tempo para a realização do projeto, realizamos ele em apenas doze horas. Durante todo o processo era evidente a necessidade de um tempo mais estendido para realizar as ações, pois se houvesse mais tempo elas seriam executadas com maior qualidade.

Mas o que mais dificultou a realização de um projeto baseado nos princípios da educação desenvolvente foi a falta de teoria, pois como foi salientado no começo da seção, quando foi realizado o projeto ainda estava na etapa inicial da pesquisa e, por conseguinte, não tinha muitos conhecimentos sobre os princípios da educação desenvolvente, sobre o processo de desenvolvimento humano e sobre a importância e influência da atividade de estudo para os alunos do Ensino Fundamental.

Dessa forma, se este projeto fosse realizado novamente, ele seria pensado e planejado de forma diferente, muitas ações seriam reformuladas e executadas com a tentativa de desenvolver uma prática pedagógica objetivando a participação ativa dos alunos, pois durante o projeto essa participação dos alunos não ocorreu tão pontualmente, e com certeza atrapalhou o desenvolvimento do projeto, como também dificultou que este alcançasse o objetivo final.

Por fim, como pode ser observado no Apêndice A, outras ações foram realizadas durante o projeto, porém elas não foram o foco dessa análise, pois não estabeleciam relações diretas com o objetivo final do projeto que era melhorar as relações dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A principal intenção desta pesquisa era compreender em que medida a atividade de estudo, respaldada por uma perspectiva da educação desenvolvente, pode contribuir para o desenvolvimento dos alunos, principalmente dos alunos dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste sentido, durante a realização da pesquisa procuramos demonstrar a importância da atividade de estudo e da educação desenvolvente para o desenvolvimento de qualidade dos alunos. Para tanto fizemos diversas leituras, análises, interpretações e reflexões sobre obras que tratam sobre este tema. Além também de analisar uma experiência de estágio para constatar se houve ou não a aplicação de uma atividade de estudo e de uma educação desenvolvente.

Para a teoria histórico-cultural o desenvolvimento humano ocorreu devido a relação do homem com a atividade do trabalho, pois por meio dela o homem desenvolveu suas características psíquicas superiores e se transformou de macaco em homem. Assim, a atividade do trabalho foi a atividade que impulsionou o desenvolvimento humano e foi a responsável pela construção da cultura humana. Pela atividade do trabalho o homem desenvolveu a linguagem e se tornou consciente, em consequência disso, foi se tornando importante a transmissão do legado cultural para as gerações seguintes e, assim, a educação se tornou uma peça fundamental no processo de solidificação da cultura humana. Por meio desses apontamentos, sustentamos que nossa concepção de mundo, de indivíduo, de educação, de criança e de desenvolvimento humano está guiada pela ideia de que a atividade é a base para o progresso humano.

Dentre as atividades, o foco desta pesquisa foi a compreensão da atividade de estudo. Compreendemos, a partir de todo este processo, que a atividade de estudo é a atividade dominante no período escolar, por isso, ela deve ser a principal atividade trabalhada neste período, pois muitas vezes os alunos, quando adentram nesta etapa, sentem muitas dificuldades em passar da etapa da atividade do jogo para a etapa da atividade de estudo, e se eles não perceberem a necessidade da atividade de estudo para o seu desenvolvimento, eles não vão torná-la como a atividade principal deste período e, por conseguinte, o seu desenvolvimento será fragilizado, ou seja, não ocorrerá uma formação de qualidade.

Assim, a organização da atividade de estudo é um dos princípios da educação desenvolvente no período escolar, ou seja, por ser a atividade que incita o desenvolvimento dos alunos que estão nos anos iniciais do ensino escolar, a atividade de estudo tem a capacidade de promover um desenvolvimento integral dos alunos, um desenvolvimento de

todas as suas funções psíquicas. Na atividade de estudo a mudança é interna, diferente das outras atividades em que o que muda é o objeto na qual a pessoa opera, na atividade de estudo quem muda é o próprio sujeito da atividade, ela pode ser entendida como a atividade para a autotransformação do sujeito.(REPKIN,2014). Essa mudança ocorre no interior do sujeito, suas ações práticas e pensamentos se modificam na relação com a atividade de estudo, por meio dela o sujeito vai adquirindo uma posição crítica diante das situações escolares e das situações reais de sua vida.

Dessa forma, para que o aluno realize a atividade de estudo, ele deve ser um aluno participativo, ativo, deve ser o sujeito no processo da atividade, e para que este aluno aja dessa forma, o ensino a ele ofertado deve estar baseado nos princípios da educação desenvolvente. Pois se o aluno for um objeto no processo ele não estará realizando uma atividade de estudo, só há atividade de estudo se o aluno for agente da atividade.

Para que isso possa ocorrer deve existir uma educação que crie novos meios e ferramentas para que a criança possa se apropriar das formas mais elevadas da cultura humana e dos conhecimentos elaborados pela sociedade humana, e essa educação diferenciada faz parte dos princípios da educação desenvolvente.

Dessa forma, por meio da pesquisa pudemos perceber a importância de uma organização da atividade de estudo estruturada pela educação desenvolvente, percebemos que por meio de uma prática que desenvolve essa estrutura é possível que os alunos se envolvam na compreensão mais elaborada das coisas do mundo e que haja um ensino de qualidade, assim desenvolvendo alunos críticos e participativos.

A partir da análise e reflexão da experiência de estágio percebemos a importância dos profissionais da educação compreenderem como deve ocorrer o planejamento e a organização da atividade de estudo e a influência da educação desenvolvente nessa organização, pois muitas falhas foram detectadas na ação pedagógica que foi realizada no estágio, e defendemos que essas falhas ocorreram pelo motivo de não existir uma compreensão de todos os fenômenos estudados nesta pesquisa.

Porém, algumas ações que foram realizadas na experiência de estágio tiveram êxito, apesar da falta da teoria, elas conseguiram alcançar alguns objetivos prescritos nos princípios da educação desenvolvente. A análise permitiu refletir, por meio da vivência concreta alguns conceitos tratados pela teoria histórico-cultural nas seções deste relatório de pesquisa. Assim, foi essencial a realização desta análise da experiência, pois por meio dela compreendemos ainda mais os conceitos desta teoria.

Outras pesquisas podem surgir depois deste trabalho. Além de analisar uma experiência de estágio, pode ser analisada uma escola, dita como diferenciada, como por exemplo a escola pública municipal "Desembargador Amorim de Lima" (São Paulo/SP). Outra questão que também pode ser estudada é em relação às atividades dominantes, assim ao invés de estudar a atividade de estudo, pode se estudar a atividade do jogo, ou o período da adolescência em que a atividade principal está relacionada com as comunicações sociais.

Enfim, a realização desta pesquisa nos proporcionou grandes benefícios, benefícios relacionados à nossa condição de estudante e também à futura carreira profissional, ou seja, a nossa prática pedagógica será diferenciada depois desta pesquisa, pois através dela pudemos perceber que um ensino de qualidade deve estar organizado pelo viés de uma educação desenvolvente e que os alunos não devem ser passivos no processo de aprendizagem, pois quando eles participam e são ativos, o seu desenvolvimento é qualitativamente superior.

REFERÊNCIAS

- BEATÓN, Guillermo Arias. **Inteligência e Educação**. São Paulo: Terceira Margem, 2006.
- CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 11. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- CLARINDO, Cleber Barbosa da Silva. **Atividade de estudo como fundamento do desenvolvimento do pensamento teórico de crianças em idade escolar inicial**. 2015. 151 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/123922>>. Acesso em 10/06/2016
- COUTINHO, A. P. S.; SOARES, J.; MUNIZ, J. O.; AYRES, N. **O conceito de atividade principal na obra de Leontiev**. In: ENCONTRO DE PESQUISA E EXTENSÃO DA FACULDADE LUCIANO FEIJÃO, 6, 2013, Sobral-CE. Anais. Sobral-CE, 2013, p.9. Disponível em: <http://www.faculdade.flucianofejao.com.br/site_novo/anais/servico/2013/Psi/O_conceito.pdf> Acesso 07/09/2016
- DUSAVITSKII, A. K. Educação Desenvolvente e a Sociedade Aberta. **Ensino Em Re-Vista**, v.21, n.1, p.27-40, jan./jun. 2014. Disponível em <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/25075/13904>>. Acesso 25/04/2015
- ENGELS, F. **Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem**. Edição Eletrônica: Ridendo Castigat Mores, 1999. Disponível em: <<http://www.ebooksbrasil.org/adobeebook/macaco.pdf>>. Acesso em: 05/07/2016.
- GASPARIN, J. L. Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica. 4. ed. Ver. E ampl. Campinas – SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).
- LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2 ed. São Paulo: Centauro, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social**. 29. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2010.
- MOREIRA, L. A. L. A formação humana à luz da teoria de Leontiev. Revista eletrônica: **Arma da Crítica**. Disponível em: <http://www.armadacritica.ufc.br/phocadownload/artigo_10_especial.pdf>. Acesso em: 19/07/2016
- REPKIN, V. V. Ensino Desenvolvente e atividade de estudo. Educação Desenvolvente e a Sociedade Aberta. **Ensino Em Re-Vista**, v.21, n.1, p.27-40, jan./jun. 2014. Disponível em: <<http://www.seer.ufu.br/index.php/emrevista/article/viewFile/25075/13904>> Acesso 25/08/2016
- SAVIANI, D. **Escola e democracia**. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.
- SEVERINO, A. J. **Teoria e prática científica**. In: _____. Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Cortez, 2007, cap.3, p.122.

APÊNDICE A – Projeto Interdisciplinar



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MATO GROSSO DO SUL

PROJETO INTERDISCIPLINAR SOBRE A DIVERSIDADE ÉTNICO-CULTURAL

Diene Keli dos Santos Ruiz
Victoria Nérís Rondon

Paranaíba/MS
2016

INSTITUIÇÃO: ESCOLA ESTADUAL JOSÉ GARCIA LEAL

Áreas do conhecimento: Português, Matemática, Geografia, História, Ciências, Artes e Educação Física

Professora Regente Colaboradora: Lilian

Público Alvo: Alunos do 1º Ano do Ensino Fundamental

Duração do projeto: 12 horas/aulas

Estagiárias: Diene Keli dos Santos Ruiz
Victoria Nérís Rondon

3. Tema :Diversidade Étnico-Cultural

4. Justificativa: Durante a observação na sala de aula e em conversa com a professora regente foi observado que os alunos estavam desrespeitando seus colegas, não tratando-os com respeito e valorização. Essas atitudes são prejudiciais para o desenvolvimento da criança, ela precisa de relações sociais positivas para que possam formar-se como um cidadão que visa e age para o bem-estar social. Diante disso, propomos um projeto que tem por objetivo fazer com que os alunos apropriem valores de respeito a si próprios e aos outros, e também passem a reconhecer e valorizar os diferentes tipos de cultura de nossa sociedade.

5. Discussão inicial/Encaminhamentos:

Vocês conhecem a história da “Menina Bonita do Laço de Fita”?

O que é ser diferente?

Como vocês tratam seus colegas de sala? Sua família? E entre outras pessoas que convivem?

Por que é importante respeitar o próximo?

Por que o coelho queria ter a cor da menina?

O que é ser diferente?

Na sociedade em que vivemos todos são tratados da mesma forma?

Vocês se parecem com sua família?

Por que no Brasil existem tantas pessoas diferentes?

6. Áreas do conhecimento:Português, Matemática, História, Geografia, Ciências, Artes e Educação Física.

7. Objetivos

7.1 Geral: A partir da história “Menina Bonita do Laço de Fita” de Ana Maria Machado proporcionar situações de reflexão sobre a riqueza da diversidade étnico-cultural brasileira, contribuindo para que as crianças se apropriem de valores como o respeito a si próprias e ao outro, e também com o objetivo de elevar a autoestima do aluno negro.

7.2 Específicos:

•Por meio da história “Menina Bonita do Laço de Fita” desenvolver atividades que permitam aos alunos refletirem sobre a diversidade étnico-cultural brasileira com a integração dos eixos do conhecimento na perspectiva da Pedagogia Histórico Crítica.

•Desenvolver e potencializar a criatividade

•Compreender as relações biológicas que se estabelecem nas famílias.

•Compreender de forma breve o ciclo reprodutor dos coelhos, e perceber as diferenças que existem dos seres humanos.

•Proporcionar meios para que a criança desenvolva a linguagem, a escrita e a coordenação de maneira contextualizada.

•Despertar o gosto por vídeos e leitura literária.

•Desenvolver a coordenação motora por meio de brincadeiras com a temática da história.

•Possibilitar o contato com gêneros textuais direcionais e organizacionais(mapas)

•Valorizar as culturas que construíram o Brasil observando seu significado histórico e social.

•Desenvolver atividades que desenvolvam o raciocínio lógico matemático através de jogos.

8. Conteúdos:

•**Linguagem oral:** “Menina Bonita do Laço de Fita” - Narrativa;

Os elementos da narrativa: personagem principal; personagens secundários; espaço; enredo;

Sequência de fatos, vocabulário; apresentação de ideias.

•**Linguagem escrita:** Confeção de uma história;

Hipóteses de escrita, traçado de letras, coordenação motora (especificidade da alfabetização). Vogais e sílabas.

•**Matemática:** Jogos de trilha

Seriação, Ordenação e Contação.

•**Geografia:** Mapa (países, continentes, oceanos)

•**História:** Colonização do Brasil, cultura africana.

•**Ciências:** Genética, ciclo de reprodução dos coelhos.

•**Artes:** Confeção de orelha de coelhos, apresentação musical.

Cores, coordenação motora, som, ritmo musical.

•**Educação Física:** Brincadeira do coelhinho sai da toca

Equilíbrio, coordenação motora, espaço.

9. Tempo Estimado: O projeto será realizado em um mês, as terças-feiras, em três aulas de cinquenta minutos e uma aula final de culminância.

10. Recursos Utilizados: Professores, família, livro Menina Bonita do Laço de Fita, livro “Advinha quanto eu te amo”, cartolina, papel sulfite, computador, lápis de cor, canetinha, data show, cd, vídeo, som, giz, lousa, mapa, fotos, personagens de EVA, avental de histórias, atividade xerocopiada, bola, papel pardo, papel laminado, dado, revistas.

11. Desenvolvimento/Planejamento das etapas:

Etapas	Atividades	Possíveis agrupamentos
1 ^a	Através do diálogo em roda com os alunos será executado a investigação preliminar do que os alunos já sabem sobre o tema e o que eles querem saber a mais sobre o conteúdo. Depois será apresentada a narrativa “Menina Bonita do Laço de Fita” por meio da leitura do livro, essa leitura será feita com o recurso do avental de histórias, e personagens confeccionados de EVA.	Toda a turma
2 ^a	Será feita a problematização dos elementos da narrativa: personagens principais e secundários, ambientes, espaço e também toda a estrutura do livro: capa, contracapa, escritor, ilustrador, editora, ano de publicação e enredo (“O coelho achava a menina a pessoa mais linda que ele já tinha visto toda a vida! E pensava: - Ah, quando eu casar quero ter uma filha pretinha e linda que nem ela!”) Trabalhar com as crianças questionamentos como esse: Por que existem pessoas brancas, pretas, pardas, amarelas e etc.? Por que o coelho queria ser pretinho? Devo tratar todos iguais mesmo sendo diferentes? Entre outros questionamentos.	Toda turma
3 ^a	Será apresentado a eles um vídeo ilustrativo: Menina Bonita do Laço de Fita (conto animado), para maior compreensão da história.	Toda turma

4 ^a	Será realizada com os alunos uma atividade de montar palavras. Serão entregue a eles envelopes com as letras exatas dos personagens da história, a parte de fora do envelope vai conter a figura que representa a palavra que eles vão montar.	Dupla
5 ^a	Propor aos alunos a construção de um novo final para a história, a criança será a escritora, para tanto se valerá do desenho e também da tentativa da escrita dos personagens ou cenas que forem produzidas por meio das ilustrações, nesse momento também vamos mediar o processo sendo escriba a partir de uma escrita coletiva no quadro. Depois iremos colar em um cartaz os desenhos e a história coletiva para deixar exposto na sala durante o desenvolvimento do projeto, e por fim colocaremos no cartaz a autoria da história (1ºano).	Individual e coletivamente
6 ^a	Retomar o conteúdo da história em que o coelho descobre que “a gente se parece sempre é com os pais, os tios, os avós e até com os parentes tortos”, e perguntar as crianças com quem elas acham que elas se parecem. Depois propor a elas uma atividade para casa em que as crianças perguntarão aos pais com quem eles acham que elas se parecem. E pedir para que eles tragam fotos suas e de suas famílias.	Individual
7 ^a	Ensaiaremos uma música com os alunos que trata sobre diversidade que será apresentada por eles no dia da culminância.	Toda a turma

Segundo dia

8 ^a	Será montada uma roda de conversa onde se perguntará aos alunos o que eles se lembram da aula anterior, o que eles aprenderam e o que eles querem saber a mais.	Toda turma
9 ^a	Vamos ler para as crianças a historinha “Advinha quanto eu te amo”, do autor Sam McBratney, que conta a história de um coelho pai e um coelho filho. Depois vamos fazer uma encenação com as crianças, metade da sala vai imitar o coelho pai e outra metade imitará o coelho filho. Com essa história, vamos discutir com as crianças sobre a semelhança dos filhos com seus familiares. Mostraremos para as crianças imagens de família de filhotes: Macaco, leão, elefantes e vários outros animais, enfatizando ainda mais a questão dos filhos ou filhotes se parecerem com seus pais e famílias. Depois vamos montar com eles uma lista	Toda turma

	de palavras dos animais apresentados que mais chamaram atenção deles, essa lista será escrita coletivamente na lousa.	
10 ^a	Trazer um mapa mundi e apresentar para os alunos. Explicar para eles o que é um mapa e sua funcionalidade. Depois mostrar para eles de forma sucinta os elementos que estão presentes no mapa, como os países, oceanos, continentes, etc. Focaremos nos países e continentes pertinentes a história, que são o Brasil e a África. Será discutido com eles sobre questões como: A distância do Brasil e da África, que de um lugar para outro é muito longe, que de navio demora meses para chegar, que não dá para chegar de carro por que tem um grande oceano. Utilizaremos bonequinhos de Eva (ex: a menina, vovó, navio, avião, carro), para mostrar no mapa as possibilidades de caminho do Brasil até a África. Trabalhar também a questão da diversidade, que na África possui diferentes costumes, tradições e hábitos. Mostraremos para eles imagens de como é esse país, das pessoas, roupas, danças, comidas, etc.	Toda a turma
11 ^a	Vamos fazer com as crianças uma dobradura de coelho, que será colada em um cartaz e exposto na sala de aula.	Individual
12 ^a	Será levado para as crianças um jogo de trilha, tal jogo será de acordo com o contexto da história. Antes das crianças jogarem será contada a elas uma historinha para dar sentido ao jogo. O tema do jogo vai ser uma viagem do Brasil para a África, eles vão de navio e embarcarão em uma aventura pelo oceano. Os estudantes vão ser divididos em duas equipes que irão competir. O peão para andar no jogo será confeccionado em forma de navios, as crianças vão jogar o dado e andar as casas, em algumas casas da trilha vai estar escrito, por exemplo: volte três casas ou ande para frente duas casas. Esse tipo de jogo auxilia no desenvolvimento matemático, pois as crianças vão ter que contar para jogar.	A sala será dividida em duas equipes.
13 ^a	Haverá novamente o ensaio com os alunos da apresentação musical.	Toda a turma

Terceiro dia

14 ^a	Fazer uma nova problematização com os alunos sobre o que está sendo trabalhado nas aulas,	Toda a turma
-----------------	---	--------------

	perguntar a eles o que está achando da aula, o que contribuiu para eles no seu aprendizado. Estabelecendo diálogo com a sala, permitindo que eles delineiam as suas opiniões.	
15 ^a	Vamos trazer para a aula Uma pintura de Tarsila do Amaral, que trata sobre diversidade, a partir do quadro vamos discutir com os alunos: o que eles acharam da pintura; se eles já tinham visto; se eles gostam e tem o hábito de observar quadros; se em sua casa tem algum quadro; explicar a eles que as pinturas não são apenas desenhos, mas expressam sentimentos, emoções, ideias. Depois juntos, vamos observar o quadro, e eles vão dizer o que observarão nele, o que acharam interessante, o que lhes chamaram atenção. Vamos conduzir a discussão e também falar sobre a questão que a pintura traz que é, a diversidade. (essa atividade é de suma importância, pois trabalha um gênero textual que muitas crianças não têm experiência, pois apesar de elas conhecerem visualmente, a maioria delas não tem o hábito de fazerem uma leitura de pinturas. E essa leitura é riquíssima para a construção e desenvolvimento do seu aprendizado).	Toda a turma
16 ^a	Nesse momento os alunos irão pintar orelhas de coelhos que serão utilizadas durante a apresentação musical por eles.	Individual
17 ^a	Nesse momento será realizada a elaboração de um cartaz com figuras retiradas de revistas. Os alunos vão se separar em grupos e deverão achar figuras de culturas e pessoas diferentes e colar no cartaz. Depois de fazer o cartaz as crianças vão apresentá-lo, explicando o porquê eles escolheram aquelas figuras.	A sala será dividida em grupo de 5 alunos
18 ^a	Será realizado com os alunos a brincadeira Coelhinho sai da toca, essa brincadeira vai ser feita no pátio da escola.	Toda a turma
19 ^a	Novamente os alunos vão ensaiar a apresentação musical.	Toda a turma

12. Produto final/ Culminância:

A culminância será realizada no “Dia da Família, os alunos vão apresentar um atração musical, eles vão estar usando as orelhas de coelho que eles mesmo pintaram. A música vai englobar a questão da diversidade trabalhada no projeto. Neste dia, a família dos alunos vão

estar presente na escola e a atração musical vai ser apresentada a eles. Também vai ser confeccionado o cartaz de fotos da família. Englobar a família no processo educativo é muito importante. Segundo Diogo(1998), “o envolvimento da família na escola representa uma mais-valia tanto para a escola como para a comunidade, para os alunos, para os professores e para a sociedade em geral. A participação da família no processo educativo dos seus filhos tem que ser uma atividade dinâmica e criativa, capaz de incentivar a mesma participação que se quer profícua para todos os elementos da sociedade.”

13.Avaliação:

A avaliação será contínua, a todo momento os alunos estarão sendo observados. Entende-se que a aprendizagem é um processo e que não se constrói imediatamente, por isso o que se espera das crianças é uma evolução em qualquer nível, pois cada indivíduo é diferente do outro.

Referências

DIOGO, José. M. L. (1998), *Parceria Escola – Família, A Caminho de uma Educação Participada*, Porto: Editora.

GASPARIN, J. L. *Uma didática para a Pedagogia Histórico-Crítica*. 4. ed. Ver. E ampl. Campinas – SP: Autores Associados, 2007. (Coleção educação contemporânea).